

Aline Alberti da Silva

**O DESIGN COMO ARTIFÍCIO
NA LUTA FEMINISTA**

Projeto de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Design
da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção
do Grau de Bacharela
em Design.

Orientadora: Prof.^a Rochelle
Santos

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Aline Alberti da
O design como artifício na luta feminista / Aline
Alberti da Silva ; orientadora, Rochelle Santos -
Florianópolis, SC, 2016.
102 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão. Graduação em Design.

Inclui referências

1. Design. 2. Design. 3. Feminismo. 4. Marketing
Digital. 5. Tirinhas. I. Santos, Rochelle . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Design. III. Título.

Aline Alberti da Silva

**O DESIGN COMO ARTIFÍCIO NA
LUTA FEMINISTA**

Este Projeto de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Design, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 14 de julho de 2016.

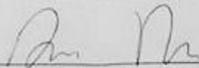


Prof., Dr.º Luciano Patricio Souza De Castro,
Coordenador do Curso

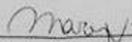
Banca Examinadora:



Prof.ª. Me. Rochelle Cristina dos Santos
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Prof. Me. Douglas Luiz Menegazzi
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Prof.ª Me. Mary Vonni Meurer de Lima
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Arilson e Simone, por terem me apoiado de todas as formas possíveis. Acredito que essa fase de jovem adulto em muito se assemelha à infância, embora bem mais assustadora: é a descoberta de um novo mundo. E vocês, em outra cidade, cuidaram de mim como sempre. Estendo os agradecimentos à minha avó Maria Gecy, ao meu tio Edison e ao resto da família, que mesmo distante sempre se fizeram presentes.

Johny e Matheus, sou eternamente grata por tudo que vivemos juntos nesse tempo. Johny, obrigada por ter me salvado tantas vezes em todos os aspectos da vida, e especialmente nesse projeto, mostrando que havia solução quando eu me desesperava ao encontrar um problema. Matheus, obrigada por ter caminhado junto comigo durante essa jornada inteira, do começo ao fim. É incrível como crescemos e evoluímos juntos. Vocês nunca deixaram eu me sentir sozinha. Amo vocês!

Alcir, Babi, Isa, Karol, Milene e Talita, foi com vocês que compartilhei meu tempo de caloura. A nossa amizade foi a base de toda a vida universitária que viria pela frente. Vocês deixaram o caminho mais fácil e seguro.

Beijo, Django e Gelinho, meus eternos calouros-netos, no começo parceiros de festas e com o tempo, parceiros de vida. Vocês me divertiram, me fizeram esquecer dos problemas e acabamos formando um grupo tão singular que nossa trajetória acadêmica daria um bom livro. Kama e Olívia, além de tudo isso acima, vocês também viriam a se tornar minhas companheiras de luta.

Cecilia, Pedro e Victor, os amigos de escola que, apesar de terem tomado rumos totalmente diferentes, continuaram comigo por todos esses anos, provando que não precisa estar perto para estar presente.

Agradeço a todos os colegas de estágio, que dividiram comigo seus conhecimentos. Em especial a Audrey, Bruna, Gabi, Jordani, Leo, Mayra e Tatti, eu nunca imaginei que trabalhar pudesse ser tão prazeroso e divertido!

Aos professores Douglas Menegazzi e Mary Meurer, pela participação na minha banca e pelas contribuições em melhorias nesse projeto. Ao professor Luciano por todos ensinamentos durante o curso.

À minha orientadora, amiga e companheira de luta Rochelle, que foi quem me inspirou a escolher este tema para o projeto e sempre foi tão solícita, não medindo esforços para me ajudar a alcançar os resultados que eu gostaria.

À Camila, colega feminista que desenvolveu uma das fontes utilizadas nesse projeto.

A todas as minhas amigas militantes, da “vida real” e da internet, vocês são uma fonte de força e inspiração diária para continuar lutando pelos meus ideais.

E, por fim, a todos os amigos que fiz nesses anos de curso. Seja na sala de aula, no corredor, nos *happy hours*, ou no Pida. Vocês me engrandeceram como ser humano e sempre serão levados no meu coração.

“É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo.
Para viver como uma. Para escrever sobre elas”.

Think Olga

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	20
1.2 OBJETIVO-GERAL	20
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	20
1.5 LIMITAÇÕES E DELIMITAÇÕES.....	21
1.6 METODOLOGIA PROJETUAL	21
1.6.1 Bruce Archer	21
1.6.1.1 FASE ANALÍTICA	23
1.6.1.2 FASE CRIATIVA	23
1.6.1.3 FASE EXECUTIVA.....	23
1.6.2 Anelise Zimmermann	23
2 FASE ANALÍTICA	25
2.1 PAUTAS FEMINISTAS.....	25
2.1.1 Violência sexual	25
2.1.2 Aborto	26
2.1.3 Violência doméstica	31
2.1.4 Diferença salarial	32
2.1.5 Violência obstétrica	34
2.1.6 Revenge porn	35
2.2 ANÁLISE DE SIMILARES	36
2.3 PLANO DE COMUNICAÇÃO.....	41
2.3.1 Identificação do Público-Alvo	42
2.3.1.1 Questionário.....	42
2.3.1.2 Limitações e delimitações.....	42
2.3.1.3 Perfil dos entrevistados	43
2.3.1.4 Perguntas reflexivas.....	46
2.3.1.5 Conclusão sobre o público-alvo.....	57
2.3.2 Determinação dos Objetivos	58
2.3.2.1 Missão.....	58
2.3.2.2 Visão.....	58
2.3.2.3 Valores.....	58
2.3.2.4 Objetivo.....	59
2.3.2.5. Objetivos de marketing	59
2.3.2.6 Problemas de comunicação.....	59
2.3.2.7 Objetivos de comunicação.....	59
2.3.3 Elaboração da Comunicação	59
2.3.3.4 Conceito.....	60
2.3.5 Mensuração dos Resultados da Comunicação	62

3 FASE CRIATIVA.....	63
3.1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	63
3.2 ESTUDO DE REFERÊNCIAS	63
3.3 ROTEIROS	64
3.4 <i>STORYBOARD</i> DAS IMAGENS.....	65
3.5 CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM E DO CENÁRIO.....	65
3.3.1 História da personagem	66
3.3.2 Desenvolvimento do traço	66
3.3.3 Construção do cenário	70
3.6 PALETA DE CORES.....	73
3.7 FONTES.....	79
4 FASE EXECUTIVA	81
4.1 VERSÃO FINALIZADA DAS PERSONAGENS.....	81
4.2 APLICAÇÕES NO FACEBOOK	82
4.3 PRODUTO FINAL.....	83
4.4 PROGRAMAÇÃO DE POSTAGENS.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A – Questionário 1.....	93
APÊNDICE B – Roteiros	100

RESUMO

Este projeto apresenta o desenvolvimento e execução de uma ação de comunicação a respeito de ideias e pautas discutidas no movimento feminista atual, por meio das metodologias de Bruce Archer e Anelise Zimmermann e de princípios de Design. Foram descritos aqui os processos de pesquisa e levantamento de dados, análise de similares, elaboração de Plano de Comunicação e produção do conteúdo.

Palavras-chave: Marketing Digital, Feminismo, Ilustração, Tirinhas.

ABSTRACT

This project presents the development and execution of a communication action on ideas and guidelines discussed in the current feminist movement, through methodologies of Bruce Archer and Anelise Zimmermann and principles of design. Here are described the research process and data survey, similar analysis, formulation of a Communication Plan and production of content.

Keywords: Digital Marketing, Feminism, Illustration, Comic Strips.

Nota: *no movimento feminista acadêmico usa-se o primeiro nome completo quando a autora é referenciada pela primeira vez, pois os sobrenomes são, em sua maioria, masculinos.*

1 INTRODUÇÃO

Feminismo é, antes de movimento social, um conjunto de ideias. Ideias que contestam a hierarquia dos gêneros. Não é preciso sequer ter conhecimento de causa para possuir pensamentos feministas. A “agitação” começa, muitas vezes, como uma semente da dúvida. E, instigada pelas primeiras descobertas, ela germina e cresce, percebendo que a raiz dos problemas é bem mais profunda.

Por que a liberdade sexual existe, e é estimulada desde a infância, para o homem e não para a mulher? Por que, mesmo exercendo as mesmas funções, o homem recebe mais? Por que as atividades domésticas ainda são, em sua maior parte, responsabilidade da mulher? Por que o homem pode abdicar do seu papel de pai, mas a mulher não pode realizar aborto sem colocar em risco a própria vida e dignidade? Esses são alguns dos questionamentos que configuram a luta feminista, e para tê-los não é necessário ser ativista.

Uma vez que a opressão de gênero age de fora para dentro, em todos os aspectos que interferem na vida cotidiana da sociedade, como na política, no comércio, na mídia, na educação, entre outros, a reação começa de dentro para fora. Cada mulher garante, dentro do movimento, a sua voz para falar sobre seus sentimentos, sua luta e sua vivência. A partir da emancipação individual, a luta continua a nível coletivo. É no espaço coletivo que as feministas vão ouvir umas às outras, debater e levantar suas pautas baseadas em necessidades específicas de subgrupos – mães, negras, gordas, lésbicas, etc.

Apesar de não ser possível datar o começo do feminismo pois, como já pontuado, o pensamento feminista não precisa de um movimento propriamente dito para existir, no início do século XX aconteceu uma reivindicação internacional pelo sufrágio feminino. No Brasil, o direito veio em 1932, no governo de Getúlio Vargas.

Segundo Joana Maria Pedro (2012), depois dessa grande conquista, teve início a Segunda Onda feminista, em meados dos anos 60, com novas pautas. Inicialmente focando na mulher no mercado de trabalho, mas depois – tendo inspiração os grupos de reflexão dos Estados Unidos, onde mulheres se reuniam para discutir assuntos considerados tabu – outras frentes, principalmente relacionadas a liberdade sexual, também tiveram espaço na discussão. Essa nova onda foi acompanhada pelo

período de Ditadura Militar e seus muitos movimentos de esquerda reclamando os abusos militares, a volta da liberdade de expressão e eleições diretas.

As mulheres feministas participaram efetivamente das manifestações de esquerda, incluindo às exigências da massa as suas próprias, visando o fim da opressão sofrida pelo poder do homem sobre a mulher. Os homens militantes, por sua vez, não davam voz às companheiras de luta e diziam que suas pautas segregavam o movimento.

Foi nos anos 60, também, que aconteceu a revolução da pílula anticoncepcional. Esse foi um grande marco para os direitos das mulheres, pois a partir dela se deu um processo gradual – que continua até hoje – em que a mulher parou de ser vista no sexo apenas como reprodutora e começou a ter sua sexualidade debatida. O prazer feminino começou a ser discutido, a pílula tirou uma parcela de chances de gravidez indesejada e a mulher pode começar a pensar no próprio futuro, planejando melhor sua carreira e o início da família.

Claricia Otto (2004), em sua resenha sobre o livro “Uma história do feminismo no Brasil” (PINTO, Céli Regina Jardim) para a Revista Estudos Feministas, ressalta o evento organizado no Brasil para comemorar o Ano Internacional da Mulher decretado pela ONU em 1975 e a criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira.

A partir de 1985, foram criadas as delegacias especializadas. O feminismo, as feministas e as delegacias da mulher não resolveram a questão da violência, mas a criação das delegacias foi um avanço na medida em que a mulher passou a ser reconhecida como vítima de violência. (p. 240)

Segundo a publicação “Lei Maria da Penha: do papel para a vida”, elaborada em 2007 pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria – localizado em Brasília, DF -, em 1983, depois de anos sofrendo agressões e ameaças dentro de casa, a biofarmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes sofreu duas tentativas de homicídio pelo marido: a primeira, um tiro enquanto dormia que a deixou paraplégica. Duas semanas depois, Marco Antonio Heredia Viveiros tentou novamente assassiná-la por eletrochoque e afogamento. Após esses dois episódios traumáticos, Maria da

Penha tomou coragem e decidiu denunciar seu agressor. A Justiça até o condenou, mas ele continuou em liberdade.

Até que, 18 anos depois, já em 2001, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) acatou as denúncias, feitas em 1998, pelo Centro para a Justiça e o Direito Internacional (CEJIL/Brasil) e pelo Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM, seção nacional). A Comissão publicou o Relatório nº 54 responsabilizando o Estado Brasileiro por negligência e omissão em relação à violência doméstica, recomendando várias medidas no caso específico de Maria da Penha e a revisão das políticas públicas vigentes no âmbito da violência contra a mulher. (CORTÊS, Iáris Ramalho; MATOS, Myllena Calasans, 2007.)

A Lei Maria da Penha é uma homenagem à mulher que tanto sofreu nas mãos do marido, prevê punições para os casos de violência doméstica e foi sancionada em 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa é uma das recentes importantes conquistas a nível nacional.

Em 2010, foi eleita a primeira Presidenta da República, Dilma Rousseff. No presente ano, a presidenta sancionou uma lei que é um marco na corrida pelos direitos iguais entre os sexos: a Lei do Feminicídio – um tipo de homicídio qualificado, cometido por questão de gênero. Ou seja, quando a mulher é assassinada, é por ser mulher - por estar na condição de segundo sexo, de propriedade masculina, sob a autoridade e o poder do homem.

A política, o sistema jurídico, a religião, a vida intelectual e artística, são construções de uma cultura predominantemente masculina. O movimento feminista atual refuta a ideologia que legitima a diferenciação de papéis, reivindicando a igualdade em todos os níveis, seja no mundo externo, seja no âmbito doméstico. Revela que esta ideologia encobre na realidade uma relação de poder entre os sexos, e que a diferenciação de papéis baseia-

se mais em critérios sociais do que biológicos.
(ALVES, Branca Moreira, 1985, p.55)

Hoje são muitas as pautas dentro do movimento. Algumas que já vem sendo discutidas há décadas e ainda não foram solucionadas. Outras, mais novas, vindas com as novas configurações sociais e até com a internet. Mas as militantes feministas ainda enfrentam muita resistência até de quem deveria estar lutando junto, pois muitas vezes não há uma percepção da cultura patriarcal em que estamos inseridos. Esse projeto visa utilizar o design como artifício para educar as pessoas a respeito das violências de gênero, dos direitos das mulheres e do quanto ainda somos oprimidas.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

De que maneira o design pode ajudar na luta feminista?

1.2 OBJETIVO-GERAL

Desenvolver uma ação de comunicação, criando uma página no Facebook para a divulgação de tirinhas e aplicando os princípios básicos de design para garantir um projeto gráfico adequado.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar conquistas históricas do feminismo;
- Levantar dados sobre as pautas feministas abordadas;
- Fazer análise de similares;
- Desenvolver a personagem principal e o cenário;
- Apresentar a proposta das peças gráficas para a publicação no *Facebook*.

1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

São vários os motivos que me levam a escolher essa temática para meu projeto. Descubri-me feminista há cerca de três anos e desde então tenho participado ativamente de grupos de debate. Assim, comecei a perceber as deficiências de todo um sistema econômico, político e social para com as mulheres.

Uma vez do “lado de dentro”, identifiquei também que a relação entre o movimento e a academia ainda é um tanto conturbada, e que as pessoas que mais precisam de empoderamento – a emancipação individual, percepção do próprio espaço e conquista da voz para clamar por seus direitos e necessidades – não tem acesso a essa informação.

Há 20 anos Pequim sediou a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, e desse evento saiu um documento com 12 pontos de prioridade, sendo um deles “Mulheres e a mídia”, que deveriam ser discutidos sobre desigualdade de gênero, nas mais diversas áreas. E hoje, num estudo amplo, atual e abrangente como é o design, não se vê tanto debate.

Historicamente percebe-se que as mudanças sociais acontecem lentamente e que as opressões deixam seus “legados” por muito tempo. Como exemplo temos que, apesar das conquistas do movimento, as heranças do passado ainda ecoam as disparidades de gênero. Então, a transformação tem que começar agora.

Por fim, tendo cursado e me identificado bastante com o que aprendi no Projeto de Design Promocional espero com esse projeto mostrar que o design não precisa incentivar o consumo e ser apenas voltado para o mercado, como se vê hoje em muitos setores. Pretendo provar que comunicação é uma arma poderosa que pode ser utilizada a favor da população, e que o design pode sim ser um instrumento de transformação social.

1.5 LIMITAÇÕES E DELIMITAÇÕES

Não teve um cliente para o projeto, ela foi desenvolvida e aplicada de forma independente, o que pode restringir o alcance, visto que não teve verba para “promover” a página de forma paga.

1.6 METODOLOGIA PROJETUAL

1.6.1 Bruce Archer

A metodologia de projeto escolhida foi a de Bruce Archer, apontada no livro de Rodolfo Fuentes, “A prática do Design Gráfico: Uma metodologia criativa” (2006).

O método consiste em três etapas maiores, denominadas “fase analítica”, “fase criativa” e “fase executiva”, que por sua vez se subdividem, cada uma, em funções menores.

Figura 1 – Metodologia de B. Archer



1.6.1.1 FASE ANALÍTICA

Na fase analítica foi realizado o estudo e levantamento de dados a respeito das pautas que serão abordadas, análise de similares – comunicações de cunho feminista -, e também uma pesquisa em forma de questionário com o público-alvo da campanha.

1.6.1.2 FASE CRIATIVA

Essa segunda etapa consistiu no desenvolvimento do projeto. Com as informações previamente coletadas, começou o processo criativo de geração de ideias e alternativas.

1.6.1.3 FASE EXECUTIVA

Na última fase foram corrigidas falhas no projeto e foi feita a escolha da melhor alternativa de acordo com o objetivo da campanha e os levantamentos já feitos. Essa etapa consiste, também, no detalhamento e na finalização das peças gráficas.

1.6.2 Anelise Zimmermann

Como na fase criativa serão desenvolvidas ilustrações e apesar de o projeto não ser voltado ao público infantil, mas seguir uma linha mais lúdica e educativa, também será utilizada a metodologia de Anelise Zimmermann apresentada na Semana do Livro Infantil (2012) e disposta por Bárbara Zardo De Nardi e Luís Henrique Lindner no artigo “Desenvolvendo Bia: construção de personagem e ilustração para livro infantil”.

A metodologia foi adaptada para o projeto e consiste nas seguintes etapas:

- Estudo de referências: painel semântico com imagens da temática para que sirvam de referência em forma, traço, cores;
- Análise de texto e *storyboard*: criação de um esboço rápido do texto escrito;
- *Storyboard* das imagens: agora é desenvolvido um esboço das imagens da ilustração;

- Construção dos personagens/objetos: criação de esboços das personagens e/ou objetos quando for o caso;
- Paleta de cores: com base nas referências, definir as cores que serão utilizadas;
- Desenvolvimento: criação das ilustrações para a percepção e validação do conjunto elaborado até agora através das etapas anteriores;
- Finalização: criação das peças gráficas.

2 FASE ANALÍTICA

2.1 PAUTAS FEMINISTAS

Dentre os diversos assuntos e problemas discutidos atualmente no movimento feminista, foram identificados através de debate com outras feministas em grupos do movimento seis temas principais para estamparem a campanha.

2.1.1 Violência sexual

Segundo dados do 8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em novembro de 2014, aconteceram no Brasil 50.320 estupros. Não suficiente o número já ser tão assustador, ele indica apenas as ocorrências registradas. Ou seja, "apenas 35% das vítimas costumam relatar o episódio às polícias, segundo pesquisas internacionais. Assim é possível que o Brasil tenha convivido no ano passado com cerca de 143 mil estupros" segundo o levantamento.

Esse é muito mais do que um problema de segurança pública. É o reflexo de uma sociedade machista e violenta, onde a "cultura do estupro" aparece livremente até em novelas na televisão aberta e na publicidade.

A pesquisa "Padrões do estupro no fluxo do sistema de justiça criminal em Campinas, São Paulo" (2008) de Joana Domingues Vargas analisou dados e, apesar de concluir que os casos de estupro não são homogêneos, traçou três perfis de agressores mais "comuns":

- a) o do agressor de meia-idade, casado, envolvido em violência doméstica, acusado de estuprar vítimas – filhas, enteadas ou parentes – muito jovens ou adolescentes, solteiras e estudantes;
- b) o do agressor jovem, conhecido, vizinho ou namorado, acusado de estuprar vítima adolescente ou jovem dentro de casa, mas também fora dela (motel, hotel etc.); e,
- c) finalmente, o do agressor jovem, desconhecido, acusado de estuprar vítimas

juvens, adultas ou de meia-idade, fora de casa e fazendo uso de arma. (VARGAS; 2008)

Quando se fala em estupro, logo imagina-se uma cena onde o estuprador é um desconhecido, provavelmente um “maníaco”, em uma rua escura tarde da noite. Mas essa é apenas uma situação possível. Estupradores são pessoas comuns, pais de família, universitários cheios de amigos, adultos sem antepassado criminal – e ainda segundo pesquisa, datada de março de 2014, realizada pelo Ipea, 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados, amigos ou conhecidos das vítimas.

A cultura do estupro banaliza o crime e faz com que certas situações não pareçam tão ruins, como quando a relação sexual ocorre enquanto a vítima está alcoolizada e não é capaz de consentir.

A literatura e a dramaturgia costumam refletir a vida real e muitas vezes reproduzem o “não” da mulher como charme, como se na verdade ela estivesse dizendo “sim”.

De um modo geral, a sociedade culpabiliza a vítima pelo estupro, dizendo que a mulher estava se vestindo inadequadamente, com roupas curtas e/ou provocativas.

Outra prática muito comum é o *slut-shaming*, o ato de inferiorizar, humilhar, xingar a mulher por algum motivo de origem sexual, como por exemplo ela já ter tido muitos parceiros.

Até as “cantadas de rua”, aparentemente inocentes aos olhos de quem faz, são parte da cultura do estupro, pois infere-se que a mulher deva aceitar todo tipo de assédio de mais baixo calão sem consentimento e ainda por cima gostar, levar como elogio.

Todas essas práticas, tão comuns e cotidianas, demonstram que o estupro não é apenas uma questão de segurança pública, e sim de cultura impregnada no sistema patriarcal.

2.1.2 Aborto

De acordo com reportagem de Carolina Oliveira Castro, Dandara Tinoco e Vera Araújo, os estudos de Mario Giani Monteiro, do Instituto de Medicina Social da UERJ, e Leila Adesse, da ONG Ações Afirmativas em Direitos e Saúde estimam que o número de abortos induzidos em 2013 foi cerca de 850.000. Um grande tabu, principalmente para religiões, o aborto também é um

problema de saúde pública. Em 2013, o SUS gastou no mínimo R\$142 milhões com o procedimento de curetagem.

Os números muito expressivos demonstram que, mesmo ilegal, as mulheres recorrem ao aborto e colocam em risco a própria vida – principalmente as pobres e marginalizadas, uma vez que o procedimento em clínicas clandestinas é caro e para poucas.

A legalização do aborto é uma pauta atual no feminismo, pois entende-se que a mulher tem o direito a escolher dar seguimento a gravidez ou não; que a gestação não deve servir de punição pelo fato de a mulher ter vida sexual ativa, além de todos os fatores problemáticos de se ter uma criança indesejada.

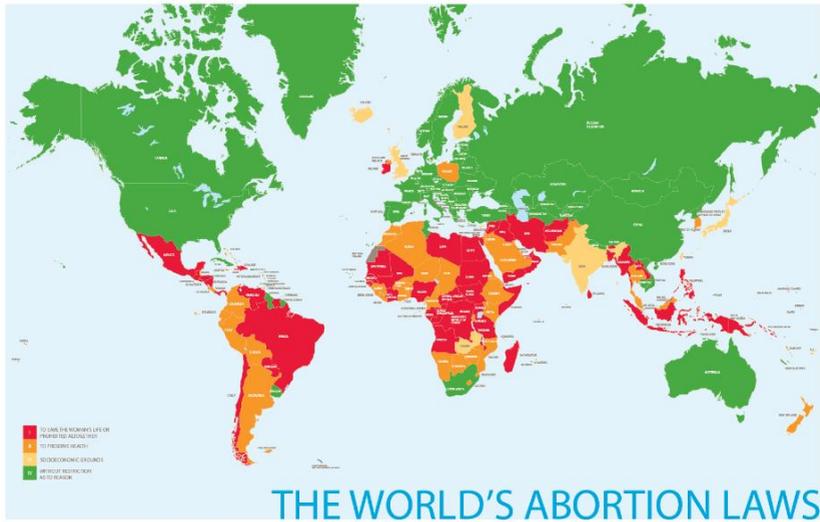
Ao mesmo tempo que mulheres que realizam aborto são crucificadas pela sociedade, maltratadas por profissionais da saúde, tratadas como criminosas pela constituição, são mais do que comuns as histórias de pais que abdicam de seus papéis, abandonam a mãe, a criança e mal pagam o valor em alguns casos praticamente simbólico da pensão. Isso remete a uma reflexão: nessa sociedade machista, será que se o homem é que engravidasse, o aborto seria ilegal?

Nosso vizinho Uruguai que, com Pepe Mujica na presidência, legalizou o aborto no final de 2012, apresentou dados surpreendentes e significativos, coletados entre dezembro de 2013 e novembro de 2014, pelo Ministério da Saúde. Após o requerimento do aborto legal, a desistência aumentou em 30%.

Uma parcela das mulheres, na verdade, gostaria de levar a gestação adiante, mas sofre com o medo de não estar preparada psicologicamente ou pensar não ter condições financeiras para sustentar a criança. A desistência aumentou justamente porque faz parte do procedimento legal o acompanhamento psicológico, que é essencial quando se trata de aborto.

Esse resultado prova o que as feministas vem falando há algum tempo: ninguém incentiva o aborto, mas somos a favor da legalização dele. É um procedimento pesado, que deixa marcas emocionais e necessita de acompanhamento psicológico. É a última opção. Mas ela precisa existir.

Figura 2 – O mapa da ilegalidade do aborto



Fonte: *Center for Reproductive Rights*

O mapa acima, datado de 2014, mostra a classificação de acordo com os países em relação a legalização do aborto. É interessante notar que a linha divisória entre o verde – lugares onde o aborto é legalizado em qualquer situação – e as demais cores – onde não existe possibilidade de aborto legal ou a legalização se dá em caso de estupro, risco à saúde da mãe ou (em menor número de países) não há condições financeiras para dar continuidade à gestação – quase segue a divisão do mapa entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O que nos leva a reflexão: é nos países mais pobres que as mulheres correm maior risco de vida por procedimentos arriscados para interromper a gravidez.

Leila de Andrade Linhares Barsted, em seu texto intitulado “Legalização e Descriminalização do Aborto no Brasil”, apresentado no Seminário Nacional Realidade do Aborto no Brasil em 1991, lembra essa realidade.

A partir do argumento do direito à saúde, destacava-se uma preocupação social. As maiores vítimas de sequelas de abortamentos clandestinos são as mulheres pobres. Nesse sentido, a posição contrária à legalização do aborto foi considerada como uma postura

conservadora, reacionária, que penalizava exatamente as mulheres das classes populares que não dispõem de recursos para terem acesso às clínicas clandestinas que oferecem um padrão de atendimento seguro. (p. 105)

Sobre a história da luta pelo direito ao aborto, Leila descreve que nos anos 80 grupos de feministas foram às ruas para tornar a questão pública. No Rio de Janeiro, militantes fizeram uma pesquisa com os transeuntes sobre duas questões: ser contra ou a favor do aborto e ser contra ou a favor à criminalização da mulher que abortasse – ou seja, se os entrevistados achavam que essas mulheres deveriam ser presas. Foi concluído que a maioria das pessoas eram contra o aborto, mas também contra a prisão:

A censura social do aborto restringia-se a uma censura moral e religiosa, mas não a uma censura legal pelo Estado expressa em prisão. Tal resultado permitia a inferência de que, apesar de censurado socialmente, o aborto se constituía num comportamento desviante sem indicação de punição legal, com imposições éticas, morais ou religiosas, não necessitando, pois, ser tutelado pelo Estado. Esse resultado fez com que as feministas da época passassem a focar na descriminalização, ao invés da legalização da prática. (p. 111)

Um dos principais fatores para a dificuldade em se ter políticas que assegurem esse direito da mulher na América Latina é a força de valores religiosos, principalmente católicos e evangélicos, que possuem espaço e influência em todos os setores sociais, inclusive na política.

Dada a histórica influência da Igreja Católica, assim como a mais recente das igrejas evangélicas, nos sistemas políticos latino-americanos, na maioria dos casos, a mobilização conservadora tem logrado que seus reclamos nessa área em particular se traduzam em leis e políticas públicas. Como consequência, na América Latina podem se encontrar marcos regulatórios do aborto que

estão entre os mais restritivos do mundo.
(RUIBAL, Alba M., 2014, p.112)

No Brasil, Jair Bolsonaro e Marco Feliciano, respectivamente deputado federal pelo Rio de Janeiro, eleito pelo Partido Progressista, e deputado federal por São Paulo, eleito pelo Partido Social Cristão, são duas figuras que representam a autoridade política do conservadorismo religioso. Ambos possuem eleitorado fiel e seguidores de seus pensamentos, que incluem declarações racistas, machistas e homofóbicas.

“(...) a hierarquia da Igreja Católica tem se voltado à defesa de uma suposta ordem tradicional, que implica o combate ao avanço dos direitos sexuais e reprodutivos” (RUIBAL, 2014, p. 116) Exatamente como no caso dos deputados brasileiros e seus seguidores, o que se vê é a defesa dos valores e imutáveis tradicionais de família, com o homem no papel de chefe e possuindo o poder de decisão e a mulher submissa, sem direito ao próprio corpo.

Ruibal cita ainda o caso bastante repercutido na esquerda brasileira, e que causou bastante indignação entre as feministas, das eleições de 2010. Dilma Rousseff havia se posicionado favorável à questão da legalização do aborto, mas sofrendo pressão de religiosos e vendo sua campanha perder força por conta disso, acabou assinando um termo de compromisso em não alterar leis a esse respeito.

Em entrevista para Flávia Mantovani e Kleyson Barbosa, em fevereiro desse ano, uma francesa que morava no Brasil falou um pouco sobre a experiência de ter que voltar para o seu país natal para realizar um aborto legalizado, seguro e gratuito. No relato, ela explica como na França quando se vai pela primeira vez ao médico ao descobrir a gravidez, ele pergunta o que a mulher quer fazer (dar ou não continuidade à gestação), e no Brasil o que se ouve são incessantes “parabéns”.

2.1.3 Violência doméstica

Como já citado antes, em 2006, foi sancionada e entrou em vigor a Lei Maria da Penha, criada para punir especificamente casos de violência doméstica.

Segundo estudos do Ipea, divulgados em março deste ano, em comparação com 2006 a taxa de homicídios domésticos diminuiu em 10%, graças a lei Maria da Penha e suas penas mais rígidas, ao mesmo passo que a violência generalizada aumentou. Mas esses dados não são satisfatórios e a lei tem lá seus problemas de execução.

(...) as mulheres referem que a lentidão dos processos as deixa inseguras diante da situação a que estão expostas. Nesse sentido, de forma não intencional, o sistema contribui para a revitimização, ocasionando a desistência dos processos pela demora de aplicação da lei, pela minimização da gravidade dos fatos e pela pouca importância dispensada aos casos. (ACOSTA, Daniele Ferreira; BARLEM; GOMES, Vera Lucia de Oliveira, 2013, p. 547)

No estudo “Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher”, os três autores identificaram que, apesar de haver fatores como escolaridade baixa, conseqüentemente baixa qualificação profissional e dependência econômica, e origem periférica, as mulheres que fogem a esse padrão e, portanto, possuem melhor situação financeira e formação acadêmica também são alvos de violência doméstica. O que prova que esse problema é, antes de qualquer coisa, cultural.

Dentre as violências sofridas pelas mulheres, está também o descumprimento da lei que as protegem por parte dos agressores: fato relatado em 20,2% dos casos avaliados.

Motivados por ciúmes, pois enxergam as parceiras como propriedade, por desentendimentos ou por qualquer motivo que lhes pareça suficiente, milhares de homens ameaçam, agredem verbal e fisicamente e até matam suas parceiras.

A violência não começa necessariamente com um tapa, pode começar até com xingamentos, gritos, com a prática de *gaslighting*

– uma forma de abuso psicológico em que se faz a outra pessoa achar que está delirando, que suas ideias não correspondem à realidade, que enlouqueceu. E então evoluir para um empurrão, um aperto no braço. Um tapa. Um soco.

Quando a mulher percebe, já está presa na teia de abusos que virou o relacionamento e não consegue se livrar dela pelos mais diversos motivos: dependência financeira (às vezes o homem não permite que ela trabalhe), dependência emocional ou medo do agressor.

2.1.4 Diferença salarial

Pesquisa do Banco Interamericano de Desenvolvimento revelou que homens recebem salário 30% maior que mulheres, de mesma idade e nível de instrução, no Brasil.

A luta pela igualdade salarial é antiga, e a diferença continua discrepante. A mulher já possui a responsabilidade social de cuidar da casa e dos filhos, e sua força de trabalho, ainda que nos mesmos cargos, é desvalorizada em relação ao gênero oposto.

Os agentes do capitalismo, empresários e empregadores, justificam essa disparidade com o fato de que a mulher pode engravidar durante a carreira, o que implica na licença maternidade, e por isso a diferença salarial existe para compensar tal período.

Além disso, existem empregos que são considerados “femininos” e outros em que a mulher não é vista de igual para igual. Profissões de exatas – como as engenharias, por exemplo – são majoritariamente exercidas por homens, e aquelas que sugerem que sugerem sensibilidade ou cuidado, – características socialmente femininas – pedagogia e ciências sociais por exemplo, são mais exercidas por mulheres.

As mulheres são discriminadas no mercado de trabalho quando, apesar de igualmente qualificadas, recebem pagamento inferior no desempenho da mesma função e/ou recebem salários menores porque têm acesso apenas às ocupações pior remuneradas. No primeiro caso, a discriminação é salarial, e no segundo caso, temos a discriminação ocupacional, onde a variável de seleção é o sexo. Segregação ocupacional implica não apenas que homens e

mulheres estejam segregados em diferentes ocupações, mas também que as ocupações nas quais as mulheres se concentrem sejam pior remuneradas. (ARAÚJO, Verônica Fagundes; RIBEIRO, 2001)

A porcentagem de mulheres inseridas no mercado de trabalho era bastante baixa há apenas algumas décadas. O papel de trabalhar fora, ganhar dinheiro e, portanto, chefiar a família era exclusivamente masculino. O cenário mudou no final do século passado e a mulher vem conquistando seu espaço. Mas essa não é uma tarefa fácil, visto que apesar de estarem no mercado, continuam exercendo a maior parte dos afazeres domésticos e acabam tendo jornada dupla ou até tripla de trabalho.

Enquanto as mulheres cumprem uma jornada dupla e/ou intensiva de trabalho doméstico, os homens podem concentrar sua atenção e dedicação de esforço primordialmente para o mercado de trabalho. Dadas essas condições iniciais, não é espantoso verificar que a diferença salarial entre homens e mulheres se mantenha positiva e que, para percentuais de remuneração e de qualificação maiores, ela seja ainda mais persistente. (MADALOZZO, Regina; SHIRATORI Ludmila; MARTINS; 2010, p.560)

No artigo “Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?” as autoras Regina Madalozzo e Ludmila Shiratori e o autor Sergio Ricardo Martins questionam diversos pontos que possam interferir na relação entre aumento ou diminuição de horas de trabalho doméstico para ambos os sexos, tal qual a relação entre trabalho doméstico e trabalho remunerado. Eles concluíram que “com o aumento do número de crianças na família, o trabalho doméstico aumenta para as mulheres, mas não necessariamente para os homens”, dado que afirma a posição da mulher na família como cuidadora. Também detectaram que “a presença de cônjuge, para mulheres, aumenta o número de horas trabalhadas; já para os homens, a presença de esposa na família reduz essa participação”.

Os estudos revelaram que o questionamento sobre os próprios direitos aumenta de acordo com o grau de instrução, mas

que o fator principal mesmo é a liberdade econômica – quanto maior o poder econômico individual, mais voz tem a pessoa na família, conseqüentemente o trabalho doméstico é melhor dividido entre os membros do núcleo familiar.

“A educação possibilita aos indivíduos a percepção de condições de desigualdade, necessidade e possibilidades de negociação por elas dentro da família” (MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI; 2010)

2.1.5 Violência obstétrica

Desde o impedimento da entrada do acompanhante escolhido pela mulher durante o parto até a episiotomia – corte entre a vagina e o ânus para facilitar a saída do bebê – são exemplos de abusos cometidos pelos profissionais da saúde para com as grávidas.

O parto e o nascimento de um filho são eventos marcantes na vida de uma mulher. Infelizmente muitas vezes são lembrados como uma experiência traumática na qual a mulher se sentiu agredida, desrespeitada e violentada por aqueles que deveriam estar lhe prestando assistência. A dor do parto, no Brasil, muitas vezes é relatada como a dor da solidão, da humilhação e da agressão, com práticas institucionais e dos profissionais de saúde que criam ou reforçam sentimentos de incapacidade, inadequação e impotência da mulher e de seu corpo. (Violência Obstétrica “Parirás com dor” - Dossiê elaborado pela Rede Parto do Princípio para a CPMI da Violência Contra as Mulheres)

A pesquisa “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado” desenvolvida em 2010 pela Fundação Perseu Abramo revelou que uma em cada quatro mulheres sofre algum tipo de abuso durante o parto.

O Brasil é o país que mais realiza cesáreas no mundo, contrariando a indicação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para que a taxa máxima seja de 15%. A indução de cesárea contra a vontade da mãe ou sem necessidade é uma característica do parto hospitalizado e configura violência.

A mulher e seu corpo têm sido vistos como máquina, onde o engenheiro é o profissional médico que detém todo o saber sobre ela, negligenciando informações, emoções, sentimentos, percepções e direitos da mesma no gestar e parir, (...) deixando-as mais vulneráveis à violência, silenciada pelos profissionais e pela própria parturiente. (ANDRADE, Briena Padilha; AGGIO, Cristiane de Melo, 2014, p. 3)

É parte da cultura de sociedade patriarcal que se transmite o pensamento de que o parto é necessariamente muito doloroso e sofrido – mas isso não é verdade. Esse fato acaba silenciando as vítimas, que muitas vezes desconhecem seus direitos e acreditam que tudo pelo que passaram seja procedimento normal, então sequer sabem que sofreram algum tipo de violência e muito menos denunciam os abusos.

2.1.6 *Revenge porn*

O *revenge porn*, ou pornografia de vingança, é um problema que tem ganhado espaço na mídia pois, com os *smartphones* e os aplicativos de compartilhamento instantâneo de mensagens, imagens e vídeos – como o *Whatsapp* – tem se tornado recorrente a exposição de mulheres em fotos e vídeos durante o ato sexual.

Como consequência da configuração machista da sociedade, os efeitos para a mulher que é exposta são muito graves. Ela é humilhada, julgada e tem sua dignidade e autoestima abaladas.

Brunna Rosa, em texto publicado no blog Blogueiras Feministas, escreveu:

É comum que os casos de fotos e vídeos íntimos publicados na rede sejam provocados por parceiros que não aceitem o fim do relacionamento e que procuram atingir a integridade física, moral e psicológica da vítima, seguindo o mesmo padrão de violência contra a mulher.

Violência, essa, que já foi fatal em casos conhecidos no Brasil. Em novembro de 2013, a adolescente brasileira de apenas

17 anos Júlia Rebeca teve um vídeo íntimo vazado e, não aguentando o constrangimento, se suicidou. Ela aparecia junto com um garoto e outra menina, que também tentou suicídio – por envenenamento –, mas foi socorrida a tempo. Poucos dias depois dessa tragédia, outra adolescente, com 16 anos, cometeu suicídio por ter uma foto sua vazada.

No começo desse ano, nos Estados Unidos, Hunter Moore, o criador de um site que publicava fotos íntimas sem consentimento e ainda extorquia as vítimas em troca de apagar o conteúdo, foi condenado e poderá ficar até sete anos na cadeia.

A nível nacional, o senador Romário Faria é um dos principais nomes de combate ao *revenge porn*. Em 2013, quando era deputado, apresentou um projeto de lei para tornar crime o compartilhamento não autorizado desse material e que prevê penas específicas para a prática.

2.2 ANÁLISE DE SIMILARES

A página do Facebook “Empodere duas mulheres” é de conteúdo feminista e possui uma abordagem diferente da que eu proponho nesse projeto. É uma página voltada a pessoas já feministas, justamente incentivando as ativistas a espalharem os posts e darem voz a mais mulheres. Já a palavra “empodere” no título sugere que a pessoa tem que ter um conhecimento prévio para entender as postagens.

Outros termos, como “misoginia” e “culpabilização da vítima” são bastante frequentes no movimento, mas não são entendidos por quem não está dentro dele:

Figura 3 - Misoginia e culpabilização da vítima

**MISOGINIA
CULPABILIZAÇÃO
DA VÍTIMA**

Vídeo com homem agredindo cão da namorada revolta famosos; assista

Mulher flagra noivo agredindo sua cadela de estimação

Petição para prisão de Rafael Hermida Fonseca
 Já Assinaram **30.280** PESSOAS

Para: Orgão de Defesa Animal

Publicado em: 4 meses atrás

Rafael Hermida, você é um covarde, um monstro... merece a cadeia seu cretino, infeliz!!!!

Luiz Henrique: 3 meses atrás

É, sempre existe gente pior do que imaginamos! Esse sujeitinho, com certeza, é capaz de coisas piores. Tomara que suma do mapa mesmo!

Wenderson Gonçalves: 4 meses atrás

Senhor RAFAEL HERMIDA FONSECA, conheces a Lei Federal 9.605/98 - dos Crimes Ambientais Art. 32????

Bom... essa Lei Federal prevê pena para pessoas, COMO O SENHOR, nos casos de maus tratos de animais

Estelito Oliveira:

ELE É UM PISCOPATA, INÚTIL E COVARDE!

Wenderson Gonçalves:

Covarde! que a justiça seja cumprida com um infeliz desse.

Edith Oliveira:

Predam logo esse demente asqueroso

Empresário que maltratou cães é acusado de agressão por ex-noiva

Segundo o advogado, o empresário, para se defender, empurrou Carolina, que caiu e se feriu. Carolina negou a versão do ex-noivo.

Mulher faz exame e diz ter apavorada de ex que bateu em cães: 'Apavorada'

Ninna Mandin diz que foi agredida por Rafael Hermida em festa no Rio. Ele afirmou que a produtora 'partiu pra cima' e apenas se defendeu.

Thales:

isso aí é tudo mentira, esse vídeo foi montagem e ela está mentindo só pra ganhar dinheiro, forças ao ex-noivo dela, meu cara! homens melhores que mulheres realmente!

Wagner Schimanski:

é a suja falando do mal lavado. vai entender esse povo. quando um não quer dois não briga

Carolina Figueiredo:

O G1 também tá de brincadeira. Publica até briga de marido e mulher. Que falta faz um jornalismo sério.

Fernando Almeida:

vAGABUN...DÁ

Wenderson Gonçalves: Santa ela não é, aposte.

Cláudia Diniz: Mas ela ainda continua com ele???? caramba, ta pedindo.

Roberto Lallo:

Ah, essas mulheres recentidas! Não aceitando ao termino do enlase resolveu usar seu arsenal destruidor contra a moral desse pobre rapaz. Ele estava certamente colocando os caes pestilentos em seu devido lugar, abaixo da escala natural da natureza e ela usa tudo isso para pinchar a imagem do rapaz... Não confio mesmo em mulheres, minto, so na minha mãozinha e na minha noiva...afff...Deus é pai.

empodere duas mulheres

Fonte: Empodere duas mulheres/Facebook

O post a seguir é da mesma página e, no entanto, é facilmente entendido por qualquer pessoa. Há um costume social de desmerecer as mulheres, usando expressões como “você parece uma menininha” para situações em que se esperam ações “grandiosas”, em que a pessoa seja forte.

Talvez a intenção da imagem sequer seja clara para quem não tem conhecimento do feminismo, mas ela cumpre seu papel de mostrar que mulheres também podem ser fortes, guerreiras e heroínas.

Figura 4 – Lute como uma garota

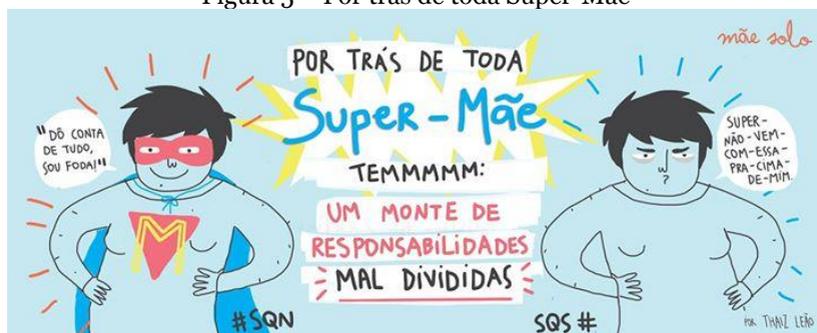


Fonte: Empodere duas mulheres/Facebook

“Mãe Solo”, uma outra página, retrata em ilustrações a cansativa rotina de uma mãe solteira para dar conta de todas as suas responsabilidades.

Não possui termos complicados e faz uma crítica de uma forma leve, induz à reflexão sobre uma situação tão comum e que também é pauta feminista. Muitas mulheres são elogiadas, chamadas de “guerreiras” por se esforçarem ao máximo para dar conta de responsabilidades como mãe, como dona de casa, como trabalhadora inserida no mercado, mas há mesmo necessidade de tanto esforço ou o que acontece é que as tarefas são mal divididas?

Figura 5 – Por trás de toda Super-Mãe

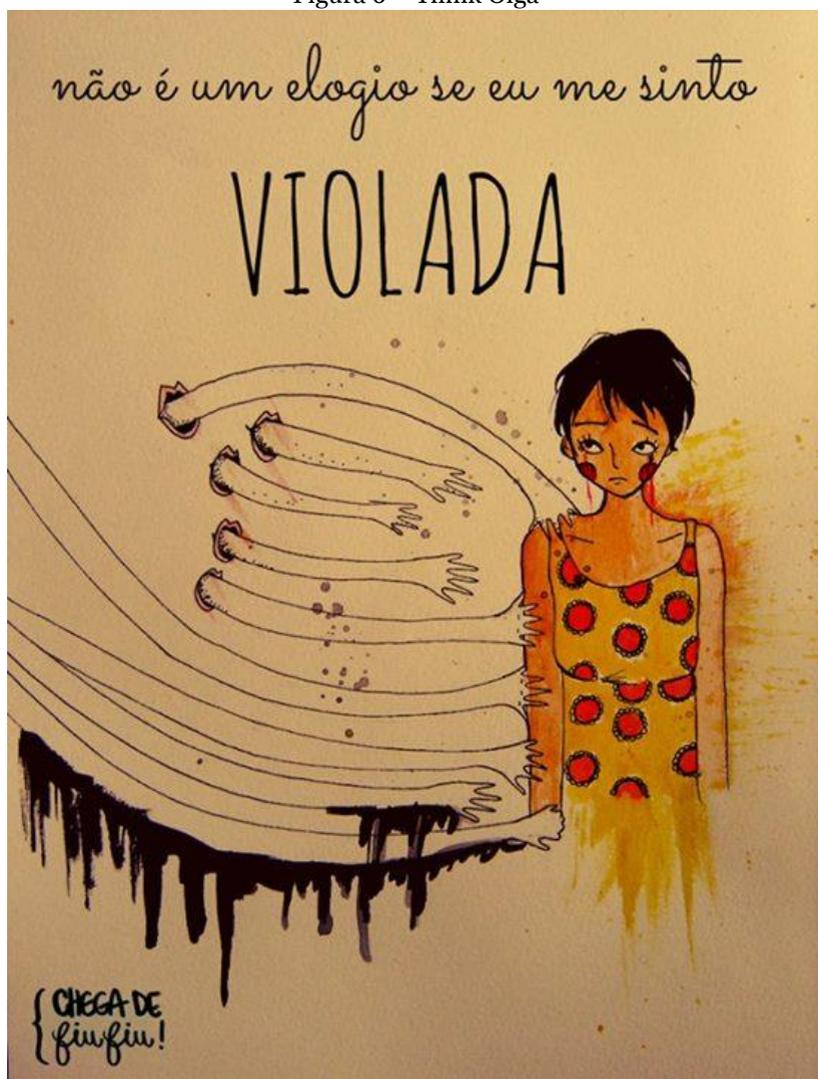


Fonte: Mãe Solo/Facebook

“Think Olga” é uma organização que procura debater assuntos feministas e lançou na internet a campanha “Chega de fiu-fiu”, chamando a atenção para o assédio cotidiano que mulheres sofrem e que são disfarçados de “cantadas”.

A página da organização no Facebook também publica ilustrações. Essa, a seguir, pode ser bem agressiva para o espectador, principalmente se ele não estiver inserido no movimento feminista.

Figura 6 – Think Olga



Fonte: Think Olga/Facebook

Kaol Porfírio é uma artista brasileira que desenvolveu uma série de ilustrações representando mulheres fortes de cinema, quadrinhos, séries, livros e *games*. As peças sempre vem com a chamada “*Fight like a girl!*”, ou “Lute como uma garota”, mais uma vez fortalecendo a ideia de que garotas podem ser guerreiras, inteligentes, independentes e fortes.

Figura 7 – *Fight like a girl*



Fonte: Kaol Porfírio/Facebook

2.3 PLANO DE COMUNICAÇÃO

O plano de comunicação possui a função de planejar as ações quanto à comunicação da campanha – nesse caso ação de comunicação com estratégias de publicidade – organizar os objetivos e as estratégias para alcança-los. É o planejamento das ações que vão traçar o caminho entre a empresa ou organização para atingir o público-alvo.

Tendo como base o modelo de Kotler e Keller (2006) e adaptando para esse projeto, o Plano de Comunicação será dividido em cinco etapas principais: Identificação do Público-Alvo, Determinação dos Objetivos, Elaboração da Comunicação, Seleção

dos Canais de Comunicação e Mensuração dos Resultados da Comunicação.

2.3.1 Identificação do Público-Alvo

Inicialmente, a ideia era não ter um público “fechado”, e sim tentar atingir o máximo de pessoas desinformadas a respeito das pautas feministas. Porém, depois de colher os resultados do questionário online e de começar a procurar referências de páginas semelhantes, percebeu-se que seria mais efetivo limitar o público-alvo.

2.3.1.1 Questionário

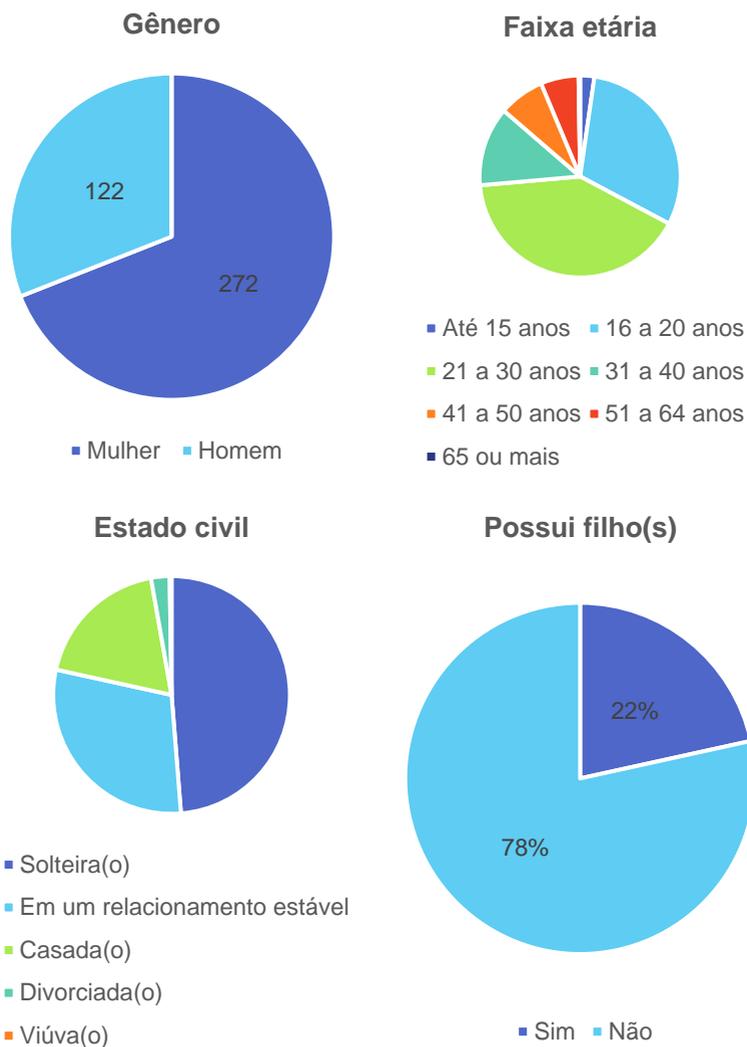
Para conhecer melhor o que o público-alvo inicial pensava sobre os temas abordados nesse projeto, foi elaborado um questionário virtual na plataforma TypeForm. O questionário ficou aberto do dia 28/05/2015 ao dia 02/06/2015. Na divulgação e na própria página foi bastante frisado que pessoas que se consideram feministas não deveriam respondê-lo. Foram obtidos 394 envios.

2.3.1.2 Limitações e delimitações

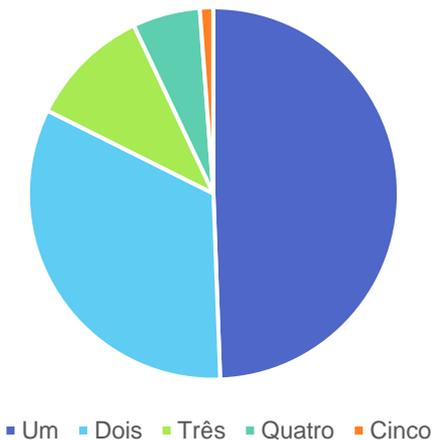
A principal dificuldade encontrada foi conseguir, de fato, atingir o público-alvo, uma vez que as pessoas do meu âmbito social, em sua maior parte, têm conhecimento de causa e opiniões que convergem com a teoria feminista.

Durante a divulgação do questionário e na introdução do mesmo foi deixado bem claro que aquelas e aqueles que se consideravam feministas não deveriam respondê-lo, mas algumas questões acabaram não mostrando o que se vê nas ruas e nas redes sociais como senso comum.

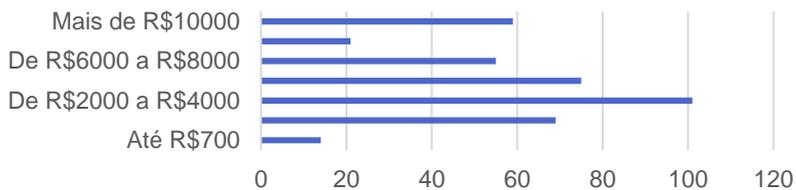
2.3.1.3 Perfil dos entrevistados



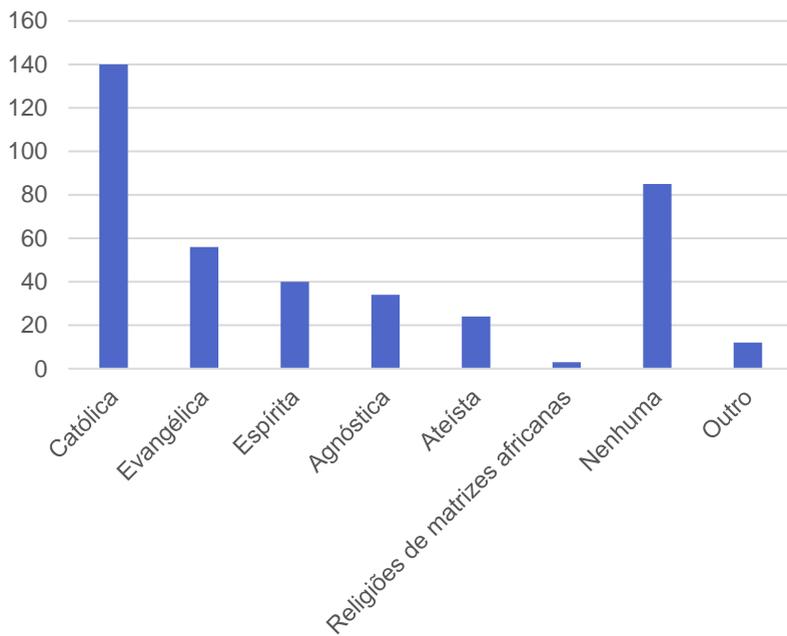
Se possui filho(s), quanto(s)?



Renda familiar mensal

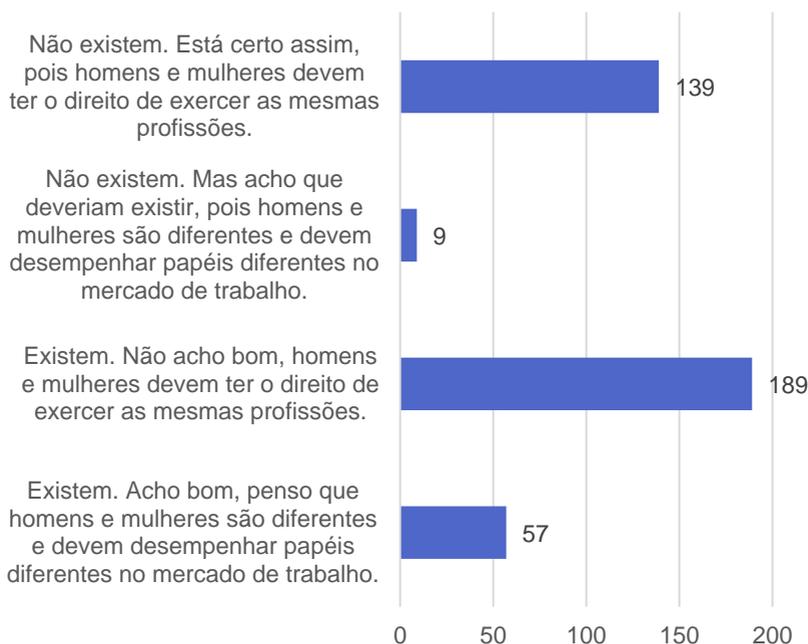


Religião



2.3.1.4 Perguntas reflexivas

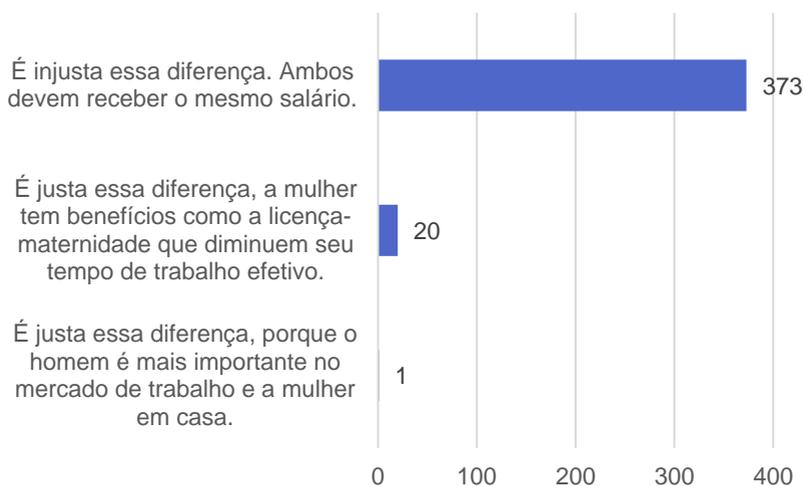
Na sua opinião, existem “empregos de homem” e “empregos de mulher”? O que você pensa a respeito?



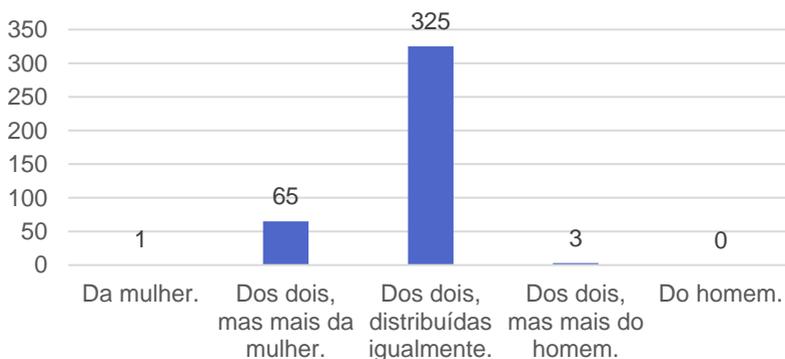
Mesmo que muitas pessoas pensem que homens e mulheres devam exercer as mesmas profissões, uma boa parte delas não considera que existam divisões de profissões entre os sexos, quando na verdade existem, como foi citado anteriormente. Ainda, uma quantidade significativa de entrevistados (aproximadamente 16,75%) acha que homens e mulheres devem desempenhar papéis diferentes no mercado de trabalho.

Atualmente, a diferença salarial entre homens e mulheres que desempenham as mesmas funções e possuem a mesma escolaridade ainda é bastante alta, cerca de 30%, no que apontam estudos.

Você acha que:

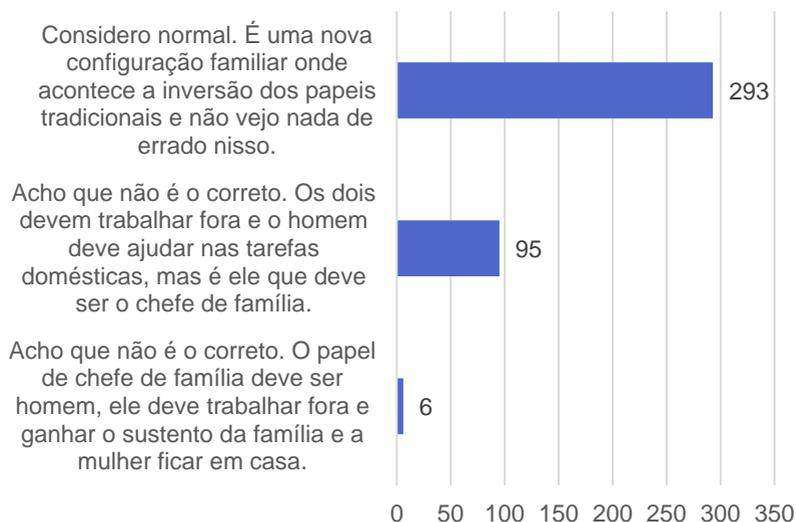


Você acha que as tarefas domésticas, numa casa onde moram marido e esposa e os dois trabalham fora, devem ser responsabilidade:



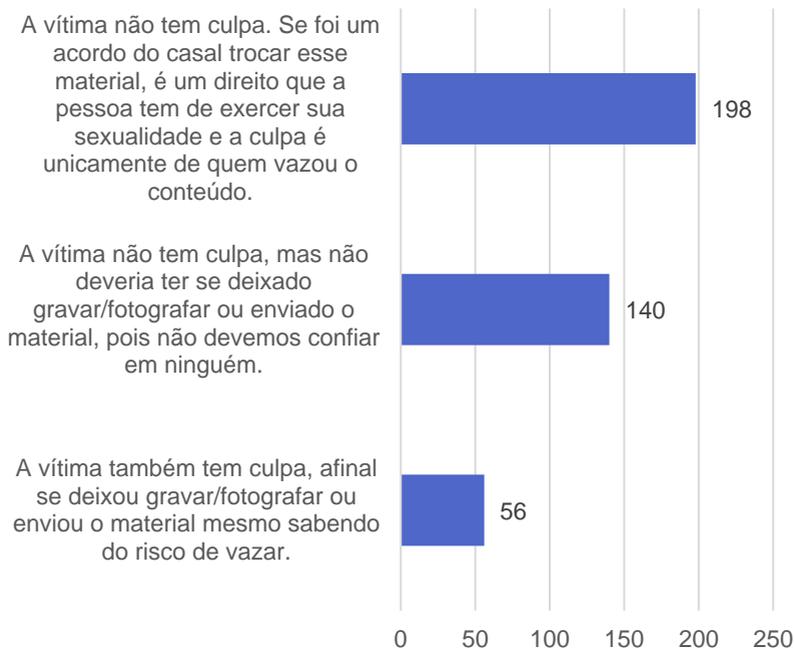
Ainda que 94,67% dos entrevistados considerem que é injusta a diferença salarial entre homens e mulheres, 16,75% acreditam que o trabalho doméstico deva ser principalmente ou totalmente da mulher, ao mesmo tempo que apenas 0,76% pensam que deva ser responsabilidade principalmente do homem. A jornada dupla – às vezes tripla – de trabalho de muitas mulheres pode interferir em sua dedicação para qualificação profissional.

O que você pensa sobre a situação em que a mulher trabalha fora e sustenta a família e o homem fica em casa e realiza as tarefas domésticas?



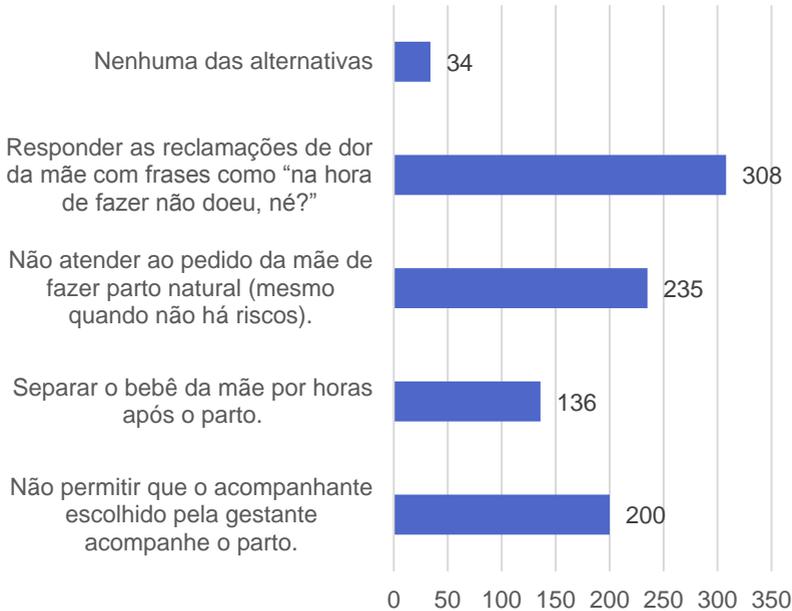
Nessa questão acontece a mesma incoerência. Um número grande de pessoas respondeu que, apesar de achar que os dois devem trabalhar fora e o homem deve ajudar nas tarefas domésticas, ele é quem deve ser o chefe de família. É um preconceito velado de que a mulher não pode ser mais bem-sucedida ou ganhar melhor que o homem.

***Revenge porn* ou “pornografia de vingança” é o nome que se dá quando alguém vaza fotos ou vídeos íntimos (geralmente ex-namorados) sem consentimento da vítima. Sobre essa situação, você acredita que:**



Quase metade dos entrevistados (49,74%) considera que a vítima de vazamento de fotos e/ou vídeos íntimos poderia evitar o acontecimento. Ou seja, mesmo que a maioria desse grupo tenha escolhido a opção que diz que “a vítima não tem culpa, mas não deveria ter se deixado gravar/fotografar ou enviado o material”, quase metade do número total de entrevistados a culpabiliza pelo acontecimento.

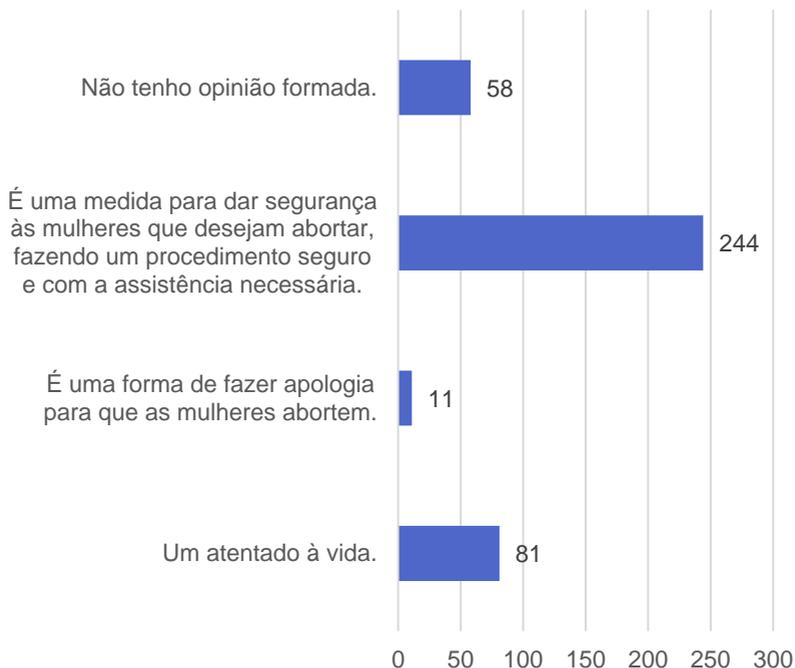
Violência obstétrica é o nome que se dá aos abusos sofridos antes, durante e/ou após o parto. Quais dessas práticas, na sua opinião, configuram violência obstétrica?



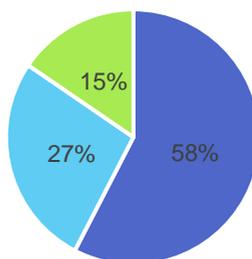
(Nessa questão, várias opções poderiam ser assinaladas)

Essa questão foi muito importante para perceber que as pessoas não têm conhecimento sobre violência obstétrica. E, considerando que 69% que responderam o questionário são mulheres, essa é uma situação a qual muitas já foram ou podem ser expostas um dia.

Para você, o que é a “legalização do aborto”?



Você é a favor da legalização do aborto para todos os casos?



■ Sim ■ Não ■ Não tenho opinião formada

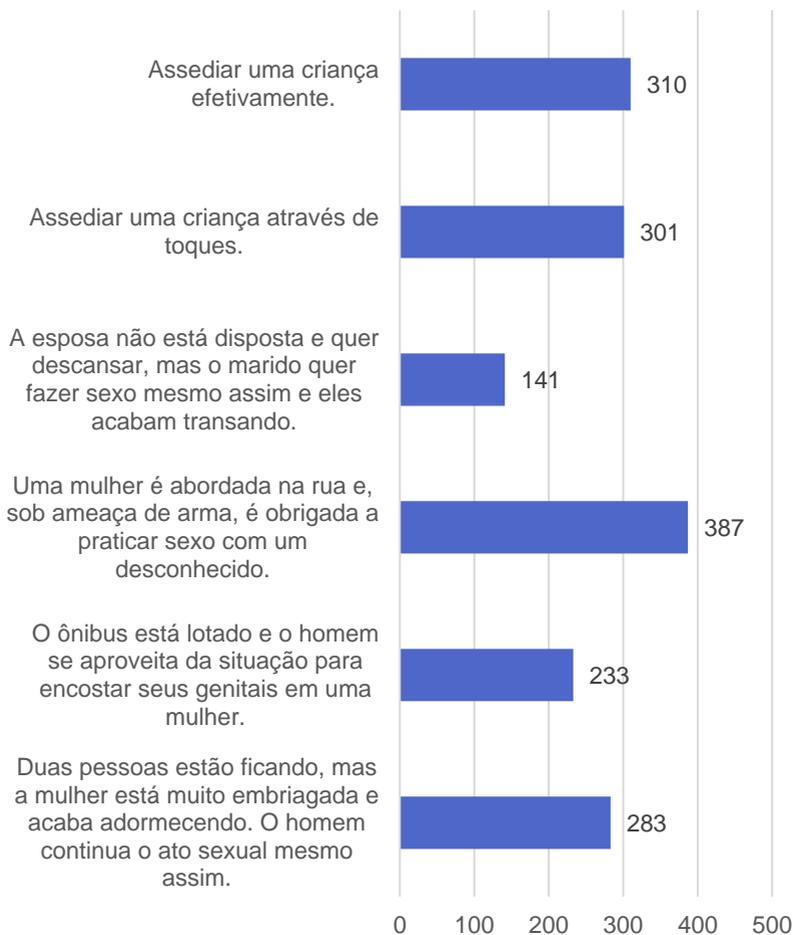
Sabendo que, mesmo sendo ilegal, ocorrem cerca de 1 milhão de abortos clandestinos por ano no Brasil (que oferecem sérios riscos à saúde e vida da gestante) e que em torno de 200 mil mulheres morrem em decorrência de abortos clandestinos, qual você acha q



Aborto foi a pauta que mais surpreendeu pelo resultado obtido. Esperava mais respostas negativas à questão da legalização, também pelo fato de muitas pessoas pertencerem a religiões conservadoras. Tive a impressão, também, de que as informações que formularam a última questão auxiliaram algumas pessoas a marcar a opção pela legalização. Esses dados são importantes para que o público entenda a dimensão real desse problema de saúde pública.

Apesar da surpresa positiva, infelizmente não é essa a realidade do senso comum. Em uma pesquisa realizada pelo Ibope em 2014 na época das eleições acerca de temas polêmicos, 79% das 2.506 pessoas entrevistadas se posicionou contra a legalização.

Quais das seguintes situações, na sua opinião, são consideradas estupro?

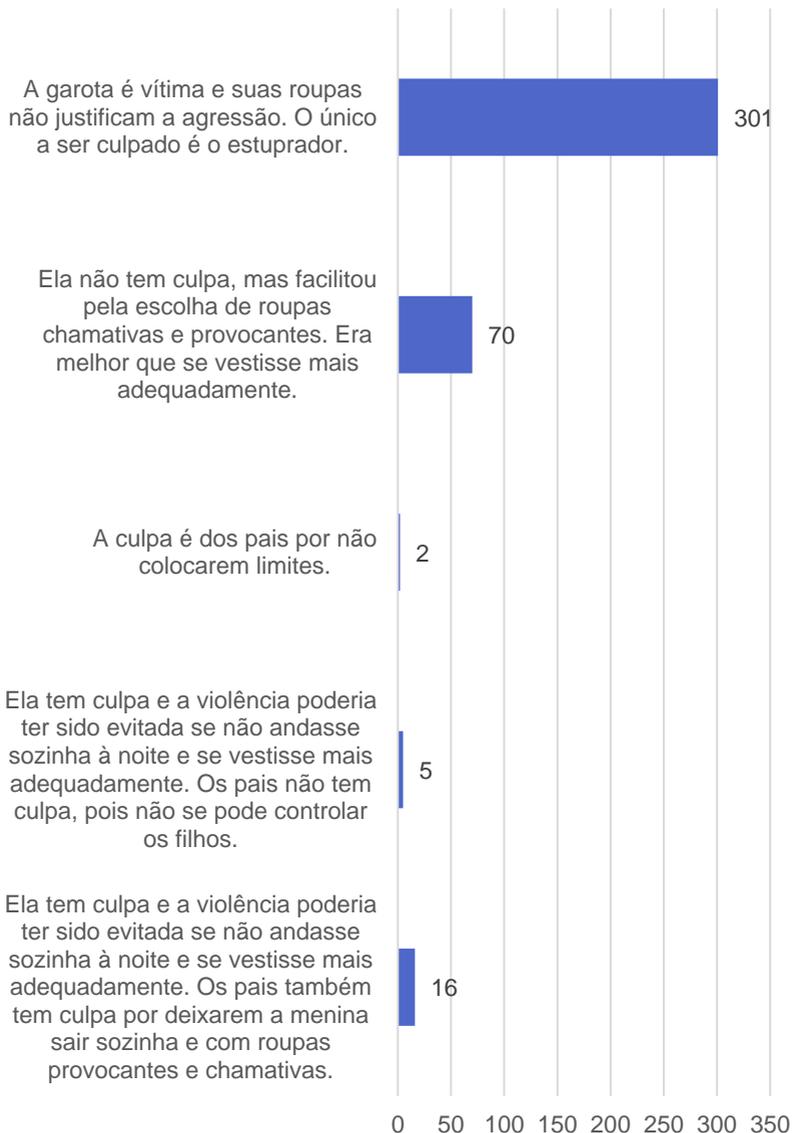


(Nessa questão, várias opções poderiam ser assinaladas)

Estupro é um tema pesado e violento, mas, como já era esperado, a população tende a considerar apenas os casos mais característicos e esquece – ou simplesmente não tem conhecimento – das demais situações. O exemplo da esposa que não quer fazer sexo, mas por pressão do marido acaba fazendo é

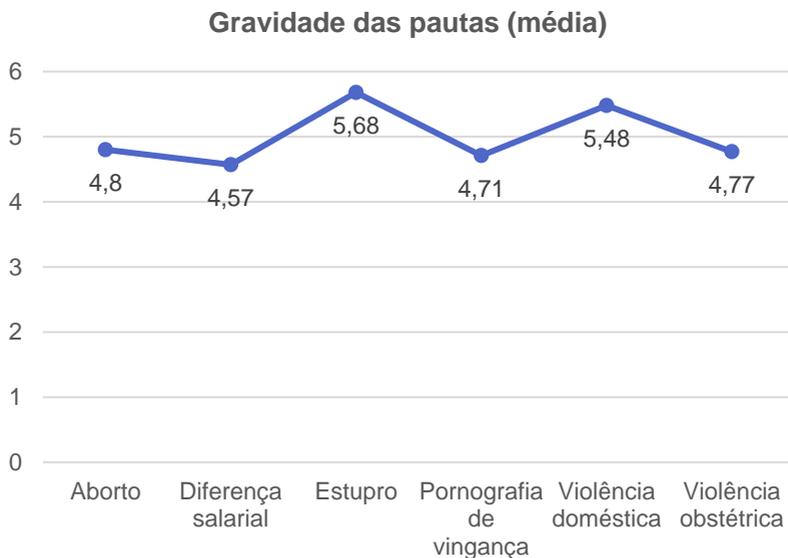
muito importante: apenas 35,78% consideraram violência sexual nesse caso. É como se, por ser casada, a mulher fosse propriedade do marido e não tivesse vontade própria e nem direito de negar sexo.

Em uma situação hipotética, uma garota de 16 anos foi estuprada quando andava à noite de minissaia e blusinha decotada. Qual das afirmações abaixo mais se aproxima da sua opinião?



Nessa questão, assim como na de *revenge porn* – mas em menor escala por ser uma suposição mais “pesada” –, boa parte dos entrevistados culpabiliza a vítima. 23,09% das respostas, mesmo que de forma mais sutil – como na alternativa que diz que “ela não tem culpa, mas facilitou pela escolha de roupas” –, levam a crer que a vítima poderia ter evitado o ataque se tivesse se portado de forma diferente e isso não é verdade. Não são as roupas que fazem o agressor, e sim o sistema hierárquico de poder de homens sobre mulheres.

Infelizmente, da mesma forma que nas questões sobre o aborto, os números aqui também não condizem com a realidade da opinião pública. O Ipea realizou uma pesquisa para saber as opiniões das brasileiras e brasileiros sobre algumas formas de violência contra a mulher. Como publicado no *site* da *Época*, nela 58,5% dos entrevistados acham que estupros poderiam ser evitados se as mulheres se comportassem “melhor”. E alarmantes 26% concordam que mulheres que se vestem com roupas curtas, que mostram demais, merecem ser atacadas.



A última questão pedia para que as pautas fossem classificadas pela gravidade de 1 a 6, sendo 1 menos grave e 6 mais grave. Não era em forma de ranking, cada assunto deveria ser

avaliado independentemente. Mais uma vez ficou aparente que o aborto e a violência obstétrica, principalmente, têm de ser debatidos e trabalhados de forma educativa.

2.3.1.5 Conclusão sobre o público-alvo

O público-alvo são pessoas de ambos os sexos e todas as classes sociais, de 15 a 30 anos, e que utilizam muito as redes sociais.

Uma pesquisa da Dell em parceria com o Ibope Conecta, concluída em julho de 2015, revelou que os brasileiros passam em média 5,3 horas diárias na internet.

Segundo pesquisa do IBGE, a escolaridade e a renda mensal per capita tem relação direta com o acesso à internet. Entre as pessoas que tem até sete anos de estudo, apenas 34,5% se conectaram em 2013. Esse número sobe para aproximadamente 90% em pessoas com 15 anos ou mais de estudo. Praticamente a mesma porcentagem, 89,9%, dos que recebem 10 ou mais salários mínimos navegaram na web, quando só 23,9% dos que ganham até um quarto de salário mínimo tiveram esse privilégio.

A Agência DM9DDB realizou um estudo aprofundado para conhecer melhor o comportamento das pessoas na internet. Com os resultados, desenvolveram e publicaram no Youtube uma pequena série de vídeos, com o título “Perfis Digigráficos”.

Através desse estudo, percebeu-se que as pessoas se dividem nos perfis não por idades, regiões, classes sociais ou gêneros, e sim pelo modo como se relacionam com a tecnologia e como nela se comportam. Os perfis digigráficos são cinco: imersos, ferramentados, emparelhados, evoluídos e fascinados.

Os imersos são aqueles que utilizam a tecnologia para moldar a própria personalidade, ou a personalidade que gostariam de ter, ou até que aparentam ter. Eles se recriam, se redefinem e até assumem diferentes identidades.

Já os ferramentados vêem a tecnologia como uma importante ferramenta que pode facilitar a vida, mas não são dependentes dela e nem a idolatram. O que mantém esse grupo conectado são, principalmente, as relações sociais – de amigos, trabalho, família.

Os emparelhados utilizam a tecnologia como facilitadora e se organizam a partir dela. Para eles, as máquinas são essenciais, como uma extensão do corpo, e sem elas ficam perdidos e se

sentem incompletos. Não se preocupam muito com o valor simbólico, e sim com o valor prático.

O grupo dos evoluídos é composto por crianças e adolescentes que já nasceram no meio da tecnologia e não conheceram o mundo antes dela. Não viveram a rápida evolução dos aparelhos que aconteceu nas últimas décadas e já têm muita facilidade para se adaptar às máquinas que vão surgindo.

Os fascinados gostam de ter os últimos lançamentos e se sentirem modernos. Não necessariamente entendem e conseguem usufruir de todas as ferramentas, mas se preocupam com o valor simbólico que as tecnologias possuem. Estão sempre trocando os aparelhos por novos.

Depois de analisar e estudar esses cinco perfis, o grupo de “ferramentados” foi o que mais se afastou do público-alvo, pois para eles as redes sociais têm a função de mantê-los em contato com seus círculos de convívio, mas não são necessariamente essenciais ou tem uma grande importância em suas rotinas. Como a campanha será veiculada somente em mídias sociais, os “ferramentados” serão atraídos para a página através de compartilhamentos de seus contatos que pertencem a outros perfis, que tem mais familiaridade com a internet.

A campanha foi veiculada em uma página do Facebook. Trata-se de uma campanha de internet, então conta com a rede social como plataforma de postagem. A página apresenta o feminismo através de textos e das peças gráficas desenvolvidas neste projeto.

2.3.2 Determinação dos Objetivos

2.3.2.1 Missão

Promover a reflexão sobre questões feministas.

2.3.2.2 Visão

Conquistar leitores fiéis que apreciem o trabalho.

2.3.2.3 Valores

Promover o debate entre os leitores da página.

Pontualidade e frequência na produção de conteúdo.

2.3.2.4 Objetivo

Educar a respeito de pautas feministas.

2.3.2.5. Objetivos de marketing

Optou-se por deixar esta ação para depois da apresentação do PCC, para adequar as peças em relação as considerações da banca e não ter interrupções nas postagens e produção de conteúdo.

- Alcançar 1000 “curtidas” na página em 1 mês;
- Conseguir pelo menos 150 “curtidas” em postagens individuais em 1 mês;
- Alcançar pelo menos 50 compartilhamentos em postagens individuais em 1 mês.

2.3.2.6 Problemas de comunicação

- Linguagem bastante interna no movimento feminista, difícil para quem não tem conhecimento de causa;
- Assuntos considerados tabus;
- Assuntos que afrontam princípios religiosos;
- Aspectos negativos em relação ao movimento feminista.

2.3.2.7 Objetivos de comunicação

- Causar empatia no espectador;
- Esclarecer o público sobre o movimento feminista;
- Abordar as pautas de maneira simples e de fácil entendimento;
- Apresentar linguagem gráfica “leve”;
- Informar sobre as pautas escolhidas.

2.3.3 Elaboração da Comunicação

A palavra que define a principal estratégia de comunicação é “simplicidade”. Como os assuntos são “pesados”, muitas vezes tratam de violências e carregam o peso social de serem tabus, serão abordados de forma simples, mostrando ao público que são fatos

recorrentes no dia-a-dia e, mesmo desagradáveis, precisam ser discutidos.

A linguagem gráfica também tem papel importante, pois as peças serão veiculadas para um público de todas as idades e religiões e não podem causar muito impacto ou choque. Serão trabalhadas numa linguagem mais lúdica.

2.3.3.4 Conceito

O nome da página é “Filha da Bruxa”, fazendo uma analogia do que as mulheres enfrentam ainda hoje com a caça às bruxas e também o xingamento misógeno “filha da puta”.

O conceito ainda está em desenvolvimento. Pretendo desenvolver uma personagem “principal” para introduzir as pautas e até a relação entre a luta feminista e a caça às bruxas, explicando o nome da página.

Segundo Rosângela Angelini (2005), a “caça às bruxas” aconteceu durante a Idade Média e perdurou por mais de quatro séculos. A Igreja Católica, sendo a instituição de maior poder e ascensão da época, regia a sociedade com ideais patriarcais e machistas e as mulheres estavam suscetíveis a perseguição.

Angelini (2005) ressalta que em torno de 9 milhões de pessoas foram acusadas nesse período, e mais de 80% delas eram mulheres.

Existe uma frase que muito circula no meio feminista e diz “somos as netas das bruxas que vocês não conseguiram queimar”, pois mesmo com tanto tempo decorrido desde então, ainda vivemos em uma sociedade desigual e aquelas que lutam para muda-la são perseguidas.

“Filha da Bruxa” porque demonstra resistência e luta.

2.3.4 Seleção dos Canais de Comunicação

O marketing digital se desenvolveu com o avanço da tecnologia. A internet proporcionou o acesso muito mais facilitado à informação, assim como a troca dela entre pessoas e também entre usuário e a empresa ou organização. O usuário deixa de ser passivo e passa a interagir com as marcas que consome.

Para analisar o marketing digital, deve-se entender o marketing tradicional, que surgiu a

partir de um processo meramente funcional, com a venda e distribuição de produtos, e ao longo das décadas se aperfeiçoou originando o marketing de relacionamento, que buscou melhorar a relação entre organização e clientes. Após essas evoluções, surge o marketing digital, que veio através do crescimento da utilização da internet no meio social. (CRUZ, Cleide Ane Barbosa da; SILVA, Lângesson Lopes da. *Marketing Digital: O marketing para o novo milênio*, Araguaína, 2014, p. 2)

Esse avanço nas formas de comunicação alterou, também, o comportamento social. As pessoas sabem agora que podem falar e serão “ouvidas”.

O usuário antes era mediado pelos meios de comunicação em um sistema hierarquizado, onde o conteúdo era filtrado e disponibilizado de acordo com os interesses dos meios. Com o advento da internet e a criação das plataformas digitais, uma nova cultura foi se formando, a cultura digital, a qual promoveu a quebra de barreiras entre o produtor e o receptor de conteúdos, tornando esse esquema de comunicação hierarquizado insuficiente. (ROCHA, Eudson; ALVES, Lara Moreira. *Publicidade online: O poder das mídias e redes sociais*. Goiânia, 2010, p. 224)

As redes sociais proporcionaram também a união de pessoas com a mesma ideologia e a organização dos movimentos sociais, fazendo com que militantes de diversas partes do país e com longas distâncias entre si pudessem debater e refletir sobre os mesmos problemas, assim como organizar e promover reclamações e boicotes a empresas com marketing negativo. A força desse tipo de mobilização já pode ser percebida várias vezes quando propagandas foram retiradas de circulação nacional, como foi o caso da campanha “O mundo tá chato”, da Pepsi Twist, que mostrava dois personagens reclamando que não poderiam mais xingar um ao outro em tom de brincadeira, pois poderiam ser

processados, fazendo uma clara ironia com a força que os movimentos sociais ganharam nos últimos anos.

O uso das mídias sociais para as empresas e organizações é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo que se torna um problema direto para a imagem quando mal utilizado, pode ser um aliado importante quando se entende o contexto social atual e se consegue fazer essa relação entre os valores da marca e as necessidades da população.

Mediada pelos meios digitais, a sociedade vive uma amplificação de vozes, onde as pessoas estão aprendendo a compartilhar pensamentos, ideias e experiências através de novos modos de produzir e consumir conteúdos. A realidade se confunde com o virtual e vice-versa e o comportamento social se altera, perdendo suas amarras e abrindo espaço para a fluidez de informações, comportamentos e relacionamentos. (ROCHA, Eudson; ALVES, Lara Moreira. *Publicidade online: O poder das mídias e redes sociais*. Goiânia, 2010, p. 222)

Segundo dados do próprio Facebook, a plataforma é a maior rede social do mundo. Hoje são mais de 1,5 bilhão de usuários. Só no Brasil são mais de 92 milhões de usuários mensais, o que corresponde a 45% da população.

Em estudo realizado pela Gauge, descobriu-se que 87% dos brasileiros que utilizam a rede social analisam o conteúdo oferecido antes de curtir uma página, o que mostra a necessidade de o conteúdo estar sempre atualizado e atraente para novos possíveis curtidores.

O Facebook foi escolhido como plataforma para a veiculação dessa ação de comunicação.

2.3.5 Mensuração dos Resultados da Comunicação

Essa etapa terá início após um mês de veiculação (que acontecerá após a apresentação do PCC) e nela serão analisados os resultados obtidos, tais como alcance e frequência.

3 FASE CRIATIVA

3.1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos são um estilo de narrativa dinâmica, com a união de texto e imagem.

Os quadrinhos são uma mídia de fragmentos - um pouco de texto aqui, uma figura recortada ali -, mas quando dão certo, seus leitores combinam esses fragmentos conforme lêem e experimentam sua história como um todo contínuo. (MCCLLOUD, Scott. *Desenhando Quadrinhos*. São Paulo, 2008, p. 129)

Scott McCloud, em seu livro “Desenhando Quadrinhos”, categoriza sete combinações diferentes entre palavras e imagens – em cada qual os elementos se comportam de maneira diferente. Para esse projeto, foi utilizado a categoria “específica da palavra”, em que o texto é o elemento principal e as imagens representam aquilo que está escrito.

3.2 ESTUDO DE REFERÊNCIAS

Para essa etapa, foi construído um painel semântico com referências de traço. O foco da pesquisa foi principalmente em páginas do *Facebook* com propostas semelhantes à desse projeto: de quadrinhos ou tirinhas com ilustrações de traço simples.

Figura 8 – Painel semântico



3.3 ROTEIROS

Foram desenvolvidos roteiros para organizar a ordem dos fatos, o que seria desenhado e o texto que seria introduzido nas peças. Eles foram utilizados para organizar as ideias e saber exatamente o que seria representado nas peças antes de começar a produção.

Os roteiros foram anexados como Apêndice (B) neste projeto.

3.4 STORYBOARD DAS IMAGENS

Os primeiros esboços foram desenhados à mão no sketchbook, utilizando lápis 6B. A ideia sempre foi fazer uma personagem com a cabeça maior em proporção ao corpo, seguindo uma tendência existente em diversos estilos de ilustração com essa estética. Após algumas tentativas, primeiramente ficou definido que, se a personagem tivesse 7cm de altura, a cabeça teria 2,75cm, o pescoço 2,5mm, o corpo 2,5cm e as pernas 1,5cm. A proporção final ficou aproximadamente com esses valores iniciais.

Figura 9 – Esboços no sketchbook



3.5 CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM E DO CENÁRIO

3.3.1 História da personagem

Como a ideia do nome da página era “Filha da Bruxa”, logo veio a referência da famosa guerreira francesa Joana D’arc, que lutou a Guerra dos Cem Anos. Joana D’arc foi acusada de bruxaria e queimada na fogueira em 1430.

O trocadilho do nome Joana Dark vem do significado de “dark” em inglês: obscuro, em relação as referências ao mundo da magia e bruxaria.

Com as motivações feministas sobre o projeto, foi importante criar uma personagem de história forte. Então, Joana Dark é filha de mãe solteira e neta de uma praticante da religião pagã Wicca. A mãe de Joana possui uma loja esotérica chamada “Filha da Bruxa”, em alusão a sua própria mãe e ao preconceito religioso que sofria por desviar do caminho tradicional ocidental do catolicismo.

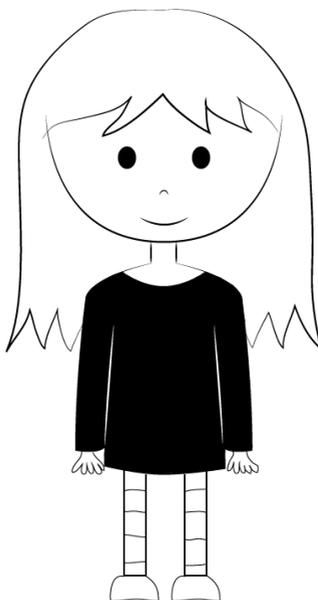
Joana adotou uma gatinha a quem deu o nome de Morgana, e sua amiga felina a ajuda a refletir sobre as questões de gênero que tanto a circundam.

3.3.2 Desenvolvimento do traço

A primeira versão finalizada no papel foi vetorizada no programa Adobe Illustrator utilizando a ferramenta Pen Tool para o traço ficar mais reto.

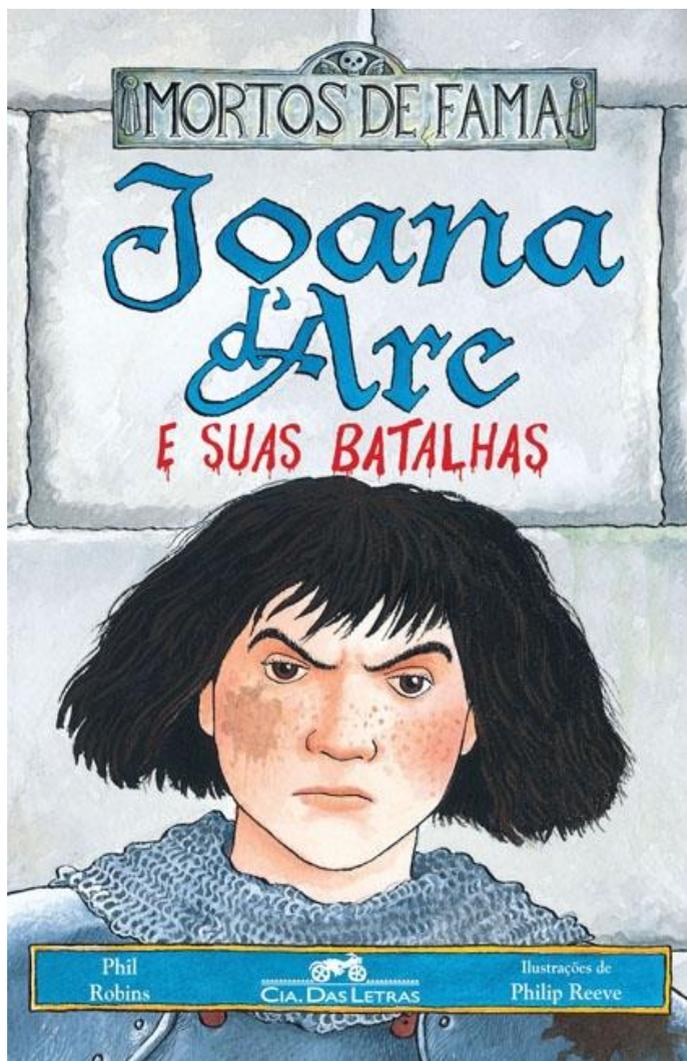
O resultado ficou infantil demais para tratar sobre feminismo. O olhar, o cabelo e os traços finos contribuíram para essa aparência infantilizada.

Figura 10 – Primeira versão da personagem



Tendo inspiração na verdadeira Joana D'arc, que cortou os cabelos bem curtos, para deixar a personagem mais adulta e rebelde, os cabelos dela foram encurtados e repicados, os olhos redesenhados e aumentados e foi adicionado um pouco de busto no corpo. Além de o traço ter sido engrossado e se tornou um pouco mais grosseiro, como se fosse desenhado à mão livre.

Figura 11 – Ilustração na capa do livro “Joana D’arc e suas batalhas”



Fonte: Companhia das Letras

No começo do redesenho da personagem, o software utilizado foi o Adobe Photoshop. Mas, como o Photoshop é um programa de matriz, acaba sendo utilizado para ilustrações mais artísticas, o traço não ficou consistente e foi mais difícil de repetir o desenho. Então, o software final escolhido foi o Adobe Illustrator, que é um programa que trabalha com vetores. A diferença entre os

dois é que o Photoshop trabalha, principalmente, com imagens em pixels – quando se aumenta o tamanho, perde qualidade –, já os vetores podem ser ampliados e reduzidos sem perder qualidade.

Figura 12 – Representação no
Adobe Photoshop

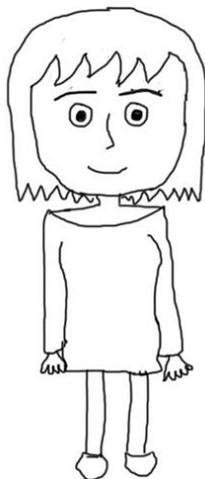
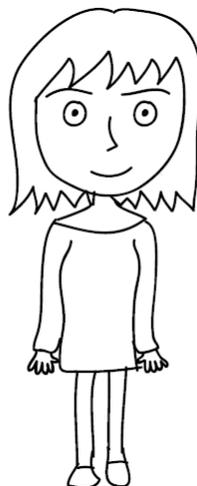


Figura 13 – Representação no
Adobe Illustrator



Para desenhar a personagem, foi utilizado a ferramenta Paintbrush Tool, com o stroke de 1 pt e a definição do brush em 3pt. Round.

Figura 14 – Ferramenta Paintbrush Tool



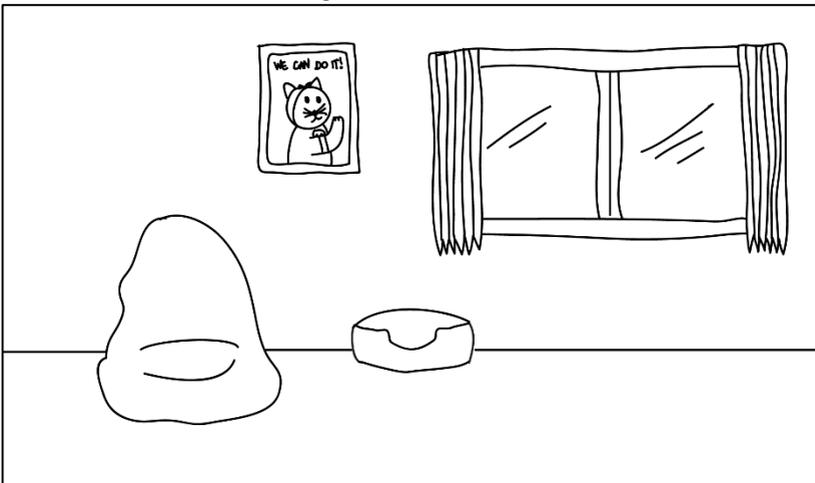
Figura 15 – Definição do brush



3.3.3 Construção do cenário

A importância do cenário é ter um plano de fundo padrão para as peças gráficas. Não significa que todos os diálogos e reflexões acontecerão obrigatoriamente nesse fundo – dependendo do conteúdo e da pauta abordada, pode-se ter a necessidade de aparecer um novo local ou novos elementos.

Figura 16 – Cenário



Compõem o cenário padrão o *puff* para Joana, a casinha de Morgana, a janela – que deixa a possibilidade de mudar o ambiente exterior, adicionando elementos da natureza, e o quadro com a gatinha Morgana.

O quadro foi inspirado na, talvez mais conhecida, imagem feminista, o cartaz “We Can Do It!”.

Figura 17 – We Can Do It



Fonte: Capitolina

O cartaz

[...] foi parte de um processo que visava movimentar as mulheres e mobilizar todos os esforços possíveis para sustentar a Segunda

Guerra Mundial. Nem precisa dizer que inúmeros homens foram servir no exército, deixando seu país e seus empregos, e muitos desses morreram em batalha. Era preciso que alguém operasse as fábricas como as de armamentos, e aí entraram as mulheres. O governo começou um processo intenso de propaganda tentando estimular as mulheres a trabalharem nos esforços de guerra, apelando especialmente para seu senso de nacionalismo e a necessidade de protegerem e apoiarem seus homens que estavam em batalha. (BAKKER, Thais; RIBEIRO, Stephanie, 2014)

A origem da imagem pode parecer um tanto decepcionante devido ao real interesse do Estado na convocação das mulheres, porém, o cartaz se tornou icônico e um verdadeiro símbolo do movimento feminista.

Figura 18 – Montagem com diversas releituras do cartaz



Fonte: Bendita BF

Por ser uma imagem bastante difundida na internet, inclusive entre pessoas leigas sobre feminismo, foi feita uma releitura para integrar o cenário.

Figura 19 – Quadro Morgana “We Can Do It!”



3.6 PALETA DE CORES

Como o conceito do projeto envolve um universo “sombrio” – de bruxas – buscou-se uma paleta condizente com o enredo. Tim Burton, cineasta consagrado, é famoso pelo toque gótico no seu trabalho, e as paletas de cores dos filmes dele serviriam como inspiração.

Figura 20 – Paleta de cores “Edward Mãos de Tesoura”



Fonte: Movies in Color

Figura 21 – Paleta de cores “Sweeney Todd”



Fonte: Movies in Color

Baseando-se nas referências acima, gerando uma paleta de cores própria, teve-se o resultado:

Figura 22 – Cenário colorido



O resultado não foi satisfatório, pois as cores nessa tonalidade “apagada”, sem muita saturação, tiraram a força da ilustração.

Apesar disso, a cor preta trouxe um peso que não havia nas imagens vazadas e valorizou a composição. Assim como a HQ Persépolis, que tem traços grossos, simples e é apenas preto e branco, fazendo jogo de positivo e negativo para dar forma ao desenho.

Figura 23 – Página da HQ Persépolis



Fonte: Persépolis

A HQ Sin City, e consequentemente seu filme, utiliza elementos coloridos fortes – como a cor vermelha – para quebrar o preto e branco, predominante na maior parte da arte.

Figura 24 – Cartaz do filme “Sin City”



O mesmo acontece na cena da garota com o vestido vermelho no filme *A Lista de Schindler* (figura 25). Essa é a única cena do longa em que aparece cor.

Figura 25 – Cena de “A Lista de Schindler”



Utilizando essas referências, gerou-se uma nova alternativa, com a ideia de aplicar a cor vermelha forte e vívida em alguns elementos que poderão aparecer ocasionalmente nas artes.

Figura 26 – Cenário PB com elemento em vermelho



3.7 FONTES

A primeira fonte usada foi “Scaramella”, desenvolvida pela colega de curso Camila Scaramella com o objetivo de ser utilizada para desenvolver peças gráficas com conteúdo feminista. Essa tipografia foi aplicada na imagem de perfil da página, com o título “Filha da Bruxa”.

Figura 27 – Imagem de perfil da página no Facebook
com a fonte Scaramella



A segunda fonte é a Chinacat, uma tipografia com perfil de quadrinhos, por ter as letras em formato mais despojado. Ela foi utilizada nos textos e balões de fala das tirinhas.

Figura 28 – Fonte Chinacat

Fonte cômica Chinacat

4 FASE EXECUTIVA

4.1 VERSÃO FINALIZADA DAS PERSONAGENS

Figura 29 – Versão final Joana e Morgana vazado

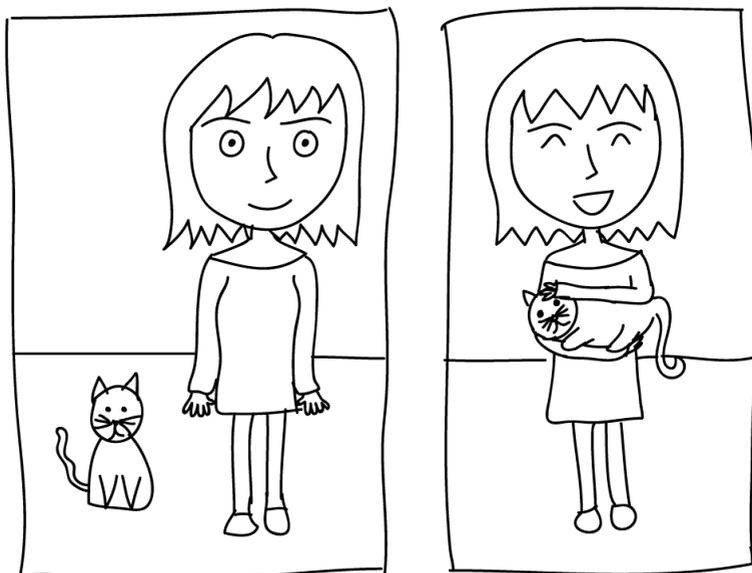
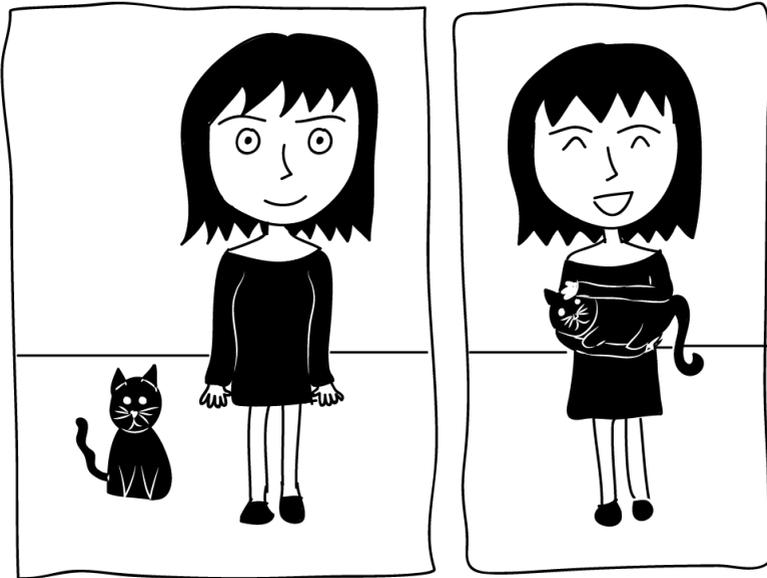


Figura 30 - Versão final Joana e Morgana com preenchimento



4.2 APLICAÇÕES NO FACEBOOK

A página foi criada no endereço <http://facebook.com/filhadabruxa> e ainda não foi “publicada”.

Figura 31 – Printscreen da *fanpage*



4.3 PRODUTO FINAL

O produto final resultado desse projeto foram três peças gráficas, sobre os temas aborto, *revenge porn* e violência obstétrica, em forma de tirinhas.

Figura 32 – Tirinha sobre aborto



Figura 33 – Tirinha sobre revenge porn

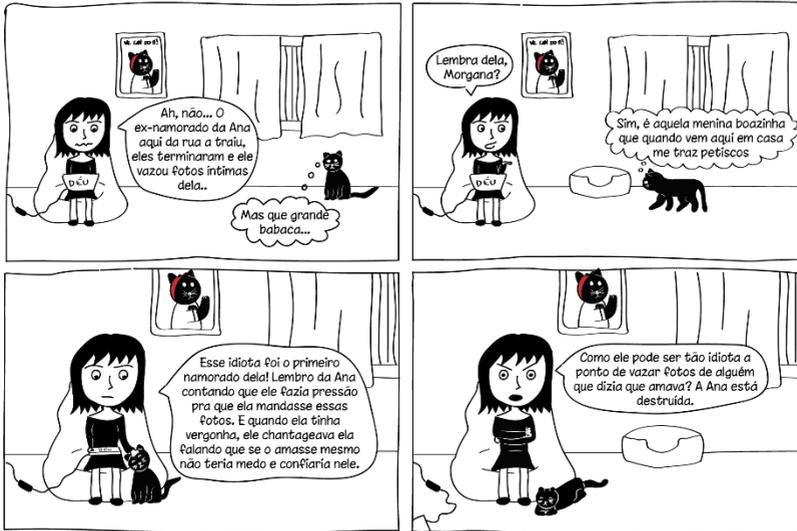
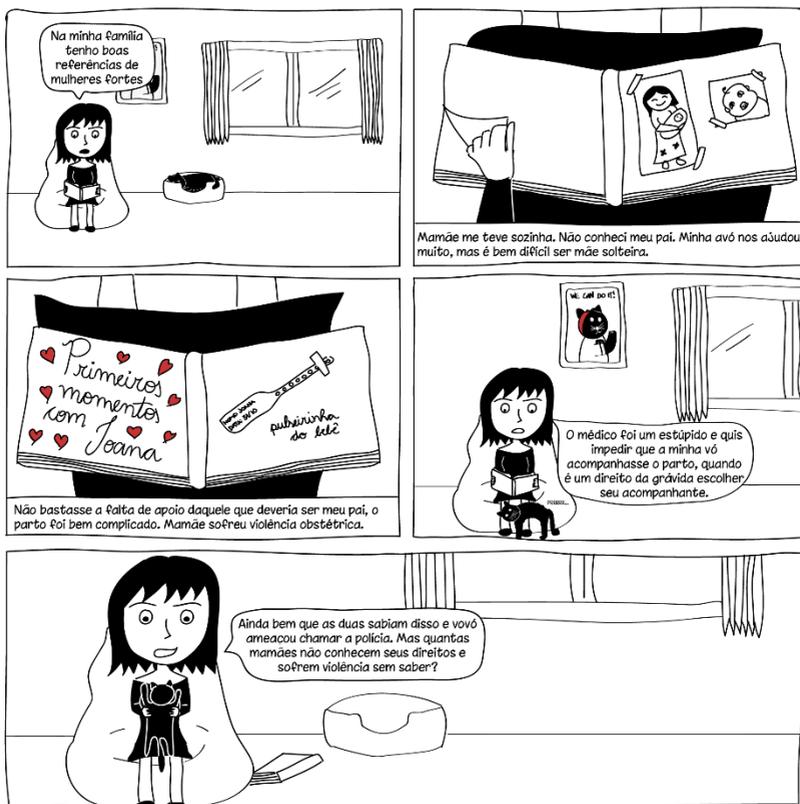


Figura 34 – Tirinha sobre violência obstétrica



4.4 PROGRAMAÇÃO DE POSTAGENS

Após a apresentação deste projeto na banca, a página será enfim aberta ao público e divulgada. A princípio, serão publicados posts semanais.

A produção de conteúdo será inspirada nos acontecimentos semanais que envolverem assuntos convergentes com a ideia do projeto. Além do material de produção própria, a página servirá também para compartilhar links relevantes para o público-alvo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto acadêmico foi também bastante pessoal. Além de, obviamente, ser mulher e sentir na pele o que isso significa socialmente todos os dias, a militância acendeu o fogo da busca por equidade entre os gêneros. A relevância dos temas aqui tratados, todos sobre a violência contra a mulher, se confirmou nos constantes debates na sociedade durante todo o desenvolvimento.

A ideia inicial era criar uma campanha publicitária voltada para as redes sociais, mas perante às dificuldades encontradas por não ter um cliente e tampouco verba para qualquer tipo de veiculação paga, o projeto foi se moldando aos poucos, até se transformar no produto final, uma ação de comunicação baseada em princípios de design e com elementos de *marketing* digital.

As metodologias se mostraram muito importantes, pois através do direcionamento que elas proporcionaram, os objetivos estipulados foram alcançados.

Esse estudo foi só o começo dessa ação, que terá continuidade e postagens contínuas e que acompanharão os fatos.

Pode-se dizer também que o ponto principal sobre design foi provado: é uma área de comunicação e não precisa ser voltada para o mercado. O design é um artifício poderoso na propagação da informação, e é através dele que o projeto terá continuidade.

Por fim, a mensagem que fica é: a luta feminista está ganhando cada vez mais força e voz.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira; GOMES, Vera Lucia de Oliveira; BARLEM, Edison Luiz Devos. **Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher**. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 26, n. 6, p. 547-553, Dec. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002013000600007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. 77p.

Anna Bolenna – A perturbada da corte. Disponível em < <https://www.facebook.com/annabolenna03/>>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

ANGELIN, Rosângela. **A "caça às bruxas": uma interpretação feminista**. Revista Espaço Acadêmico, Nº 53, Out. 2005. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

BAKKER, Thais; RIBEIRO, Stephanie. We Can Do It: As mulheres na força de trabalho. **Revista Capitolina**, 2014. Disponível em <<http://www.revistacapitolina.com.br/we-can-do-it-mulheres-na-forca-de-trabalho>>. Acesso em 05 de junho de 2016.

BARSTED, Leila de **Legalização e Descriminalização. 10 anos de luta feminista** Andrade Linhares.. In: Realidade do Aborto no Brasil, 1991, São Paulo.

BENTO, A. (2012, Maio). **Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas**. Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII (pp. 42-44). ISSN: 1647-8975.

ROMER, Rafael. Brasileiro passa em média 5,3 horas por dia no computador pessoal, diz pesquisa. **Canaltech**, 2015. Disponível em <<http://corporate.canaltech.com.br/noticia/produtos/brasileiro-passa-em-media-53-horas-por-dia-no-computador-pessoal-diz-pesquisa-45737/>>. Acesso em: 17 de maio de 2016.

CAMPOS, Ana Cristina. Lei Maria da Penha reduziu violência doméstica contra mulheres, segundo Ipea. **EBC**, 2015. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/03/lei-maria-da-penha-reduziu-violencia-domestica-contramulheres-segundo-ipea>>. Acesso em: 5 de maio de 2015.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi. **Debaixo do mesmo teto: análise sobre a violência doméstica**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 14, n. 5, p. 1949-1950, Dec. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000500038&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

CARDOSO, Rafael. **Design para um Mundo Complexo**. 1. Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CASTRO, Carolina Oliveira; TINOCO, Dandara; ARAÚJO, Vera. Tabu nas campanhas eleitorais, aborto é feito por 850 mil mulheres a cada ano. **O Globo**, 2015. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/tabu-nas-campanhas-eleitorais-aborto-feito-por-850-mil-mulheres-cada-ano-13981968>>. Acesso em: 5 de maio de 2015.

CEBES, **Conheça o Mapa da Ilegalidade do Aborto**. Disponível em <<http://cebes.org.br/2014/09/conheca-o-mapa-da-ilegalidade-do-aborto>>. Acesso em: 28 de abril de 2015.

Center for Reproductive Rights, **Abortion Map 2014**. Disponível em: <<http://www.reproductiverights.org/sites/crr.civicactions.net/files/documents/AbortionMap2014.PDF>>. Acesso em: 28 de abril de 2015.

CFEMEA, **Lei Maria da Penha: do papel para a vida**. Disponível em <<http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/leimariadapenhadopapelparaavida.pdf>>. Acesso em: 28 de abril de 2015.

CISCATI, Rafael. A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher. **Época**, 2015. Disponível em <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e>>

delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-violencia-contra-mulher.html>. Acesso em: 18 de junho de 2015.

CONTEE, A Lei Maria da Penha já está em vigor. **Contee**, 2007. Disponível em <http://www.contee.org.br/secretarias/etnia/materia_23.htm>. Acesso em: 28 de abril de 2015.

DE NARDI, B. Z.; LINDNER, L. H. **Desenvolvendo Bia: Construção de personagem e ilustração para livro infantil**. In: VI Seminário leitura de imagens para a educação: múltiplas mídias, 2013, Florianópolis.

Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher: Pequim, 1995. **ONU Mulheres**, 2014. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf>. Acesso em: 29 março 2015.

Design e Gênero: Entrevista com Marinês Ribeiro. **Revista Clichê**. Disponível em <<http://www.revistacliche.com.br/exp/design-e-genero-marines-ribeiro>>. Acesso em: 25 março 2015.

Facebook para empresas. **Facebook**, 2015. Disponível em <<https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-Facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>>. Acesso em 31 de maio de 2016.

FUENTES, Rodolfo. **A Prática do Design Gráfico: Uma Metodologia Criativa**. 1. Ed. São Paulo: Rosari, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Jovem famoso por divulgar pornografia de vingança pegará até sete anos na prisão. **Estadão**. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/famoso-por-divulgar-pornografia-de-vinganca-pegara-ate-sete-anos-na-prisao>>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

KELLER, Kevin Lane; KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 12. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

Mãe de jovem achada morta após vídeo íntimo reclama de 'violação'. **G1**, 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/mae-de-jovem-achada-morta-apos-video-intimo-reclama-de-violacao.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

Maioria é contra legalizar maconha, aborto e casamento gay, diz Ibope. **G1**, 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/09/maioria-e-contra-legalizar-maconha-aborto-e-casamento-gay-diz-ibope.html>>. Acesso em: 18 de junho de 2015.

MANTOVANI, Flávia; BARBOSA, Kleyson. Grávida, francesa deixa o Brasil para abortar: 'Aqui tenho que mentir'. **G1**, 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/02/gravida-francesa-deixa-o-brasil-para-abortar-aqui-tenho-que-mentir.html>>. Acesso em: 5 de maio de 2015.

Maternar, Mulheres denunciam violência obstétrica: saiba se você foi vítima. **Maternar**, 2014, Disponível em <<http://maternar.blogfolha.uol.com.br/2014/03/12/mulheres-denunciam-violencia-obstetrica-saiba-se-voce-foi-vitima>>. Acesso em: 5 de maio de 2015.

MCCLOUD, Scott. **Desenhando Quadrinhos**. 1. Ed. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

MIGUEL, Luís Felipe. **Discursos sexistas no humorismo e na publicidade: A expressão pública, seus limites e os limites dos limites**. Cad. Pagu, Campinas, n. 41, p. 95-119, Dec. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PIRES, Ita. Redes sociais: pesquisa analisa perfil de usuário brasileiro. **Kinghost**, 2013. Disponível em

<<http://www.kinghost.com.br/blog/2013/02/redes-sociais-pesquisa-analisa-perfil-de-usuario-brasileiro/>>. Acesso em: 31 de maio de 2016.

PRATEANO, Vanessa Fogaça. Você sabe o que é a Cultura do Estupro? **Gazeta do Povo**. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/mulherio/voce-sabe-o-que-e-a-cultura-do-estupro>>. Acesso em: 28 de abril de 2015.

PRESSE, France. Facebook anuncia crescimento dos lucros e do número de usuários. **G1**, 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/01/facebook-anuncia-crescimento-dos-lucros-e-do-numero-de-usuarios-20160127211006500148.html>>. Acesso em: 31 de maio de 2016.

RUIBAL, Alba M.. **Feminismo frente a fundamentalismos religiosos: mobilização e contramobilização em torno dos direitos reprodutivos na América Latina**. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 14, p. 111-138, Aug. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522014000200111&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I.B.. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

SCAVONE, Lucila. *Políticas feministas do aborto*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 675-680, Aug. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. *Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica*.

Interface (Botucatu), Botucatu , v. 11, n. 21, p. 93-103, Apr. 2007 .
Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

Think Olga – Empoderamento feminino por meio de informação.
Disponível em <<http://thinkolga.com>>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

Unherarted Comics. Disponível em
<<https://www.facebook.com/UnearthedComics>>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

Uruguai: após legalização, desistência de abortos sobe 30%.
Terra. Disponível em
<<http://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/uruguai-apos-legalizacao-desistencia-de-abortos-sobe-30,2e4163764976c410VgnCLD200000b1bf46doRCRD.html>>.
Acesso em: 14 de maio de 2015.

VARGAS, Joana Domingues. **Padrões do estupro no fluxo do sistema de justiça criminal em Campinas**, São Paulo. Rev. katálysis, Florianópolis , v. 11, n. 2, p. 177-186, Dec. 2008 .
Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

Violencia obstétrica. RFM, Caracas, v. 31, n. 1, jun. 2008 .
Disponível em
<http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So798-04692008000100001&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

APÊNDICE A – Questionário 1

Olá! Este questionário faz parte do meu Projeto de Conclusão de Curso para Design na Universidade Federal de Santa Catarina. O foco de estudo são questões da mulher na sociedade. As respostas são completamente anônimas 😊

Se você é feminista, não responda, por favor.

1- Em qual faixa etária você se encontra?

- a) Até 15 anos
- b) 16 a 20 anos
- c) 21 a 30 anos
- d) 31 a 40 anos
- e) 41 a 50 anos
- f) 51 a 64 anos
- g) 65 anos ou mais

2- Qual seu gênero?

- a) Mulher
- b) Homem
- c) Outro

3- Qual seu estado civil?

- a) Solteira(o)
- b) Em um relacionamento estável
- c) Casada(o)
- d) Divorciada(o)
- e) Viúva(o)

4- Qual a sua renda familiar mensal?

- a) Até R\$700
- b) De R\$700 a R\$2.000
- c) De R\$2.000 a R\$4.000
- d) De R\$4.000 a R\$6.000
- e) De R\$6.000 a R\$8.000
- f) De R\$8.000 a R\$10.000

g) Mais de R\$10.000

5- Possui filho(s)?

a) Sim

b) Não

6- Se sim, quanto(s) filho(s) você possui?

7- Se você possui filho(s), quantos anos você tinha quando o primeiro nasceu?

8- Qual a cidade e estado onde você reside?

9- Qual sua religião?

a) Católica

b) Evangélica

c) Espírita

d) Agnóstica

e) Ateísta

f) Religiões de matrizes africanas

g) Nenhuma

h) Outra:

10- Na sua opinião, existem “empregos de homem” e “empregos de mulher”? O que você pensa a respeito?

a) Existem. Acho bom, penso que homens e mulheres são diferentes e devem desempenhar papéis diferentes no mercado de trabalho.

b) Existem. Não acho bom, homens e mulheres devem ter o direito de exercer as mesmas profissões.

- c) Não existem. Mas acho que deveriam existir, pois homens e mulheres são diferentes e devem desempenhar papéis diferentes no mercado de trabalho.
- d) Não existem. Está certo assim, pois homens e mulheres devem ter o direito de exercer as mesmas profissões.

11- Atualmente, a diferença salarial entre homens e mulheres que desempenham as mesmas funções e possuem a mesma escolaridade ainda é bastante alta, cerca de 30%, no que apontam estudos. Você acha que:

- a) É justa essa diferença, porque o homem é mais importante no mercado de trabalho e a mulher em casa.
- b) É justa essa diferença, a mulher tem benefícios como a licença-maternidade que diminuem seu tempo de trabalho efetivo.
- c) É injusta essa diferença. Ambos devem receber o mesmo salário.

12- Você acha que as tarefas domésticas, numa casa onde moram marido e esposa e os dois trabalham fora, devem ser responsabilidade:

- a) Da mulher.
- b) Dos dois, mas mais da mulher.
- c) Dos dois, distribuídas igualmente.
- d) Dos dois, mas mais do homem.
- e) Do homem.

13- O que você pensa sobre a situação em que a mulher trabalha fora e sustenta a família e o homem fica em casa e realiza as tarefas domésticas?

- a) Acho que não é o correto. O papel de chefe de família deve ser homem, ele deve trabalhar fora e ganhar o sustento da família e a mulher ficar em casa.
- b) Acho que não é o correto. Os dois devem trabalhar fora e o homem deve ajudar nas tarefas domésticas, mas é ele que deve ser o chefe de família.

- c) Considero normal. É uma nova configuração familiar onde acontece a inversão dos papéis tradicionais e não vejo nada de errado nisso.

As perguntas a seguir contêm conteúdo delicado, como violência sexual.

- 14- *Revenge porn* ou “pornografia de vingança” é o nome que se dá quando alguém vaza fotos ou vídeos íntimos (geralmente ex-namorados) sem consentimento da vítima. Sobre essa situação, você acredita que:
 - a) A vítima também tem culpa, afinal se deixou gravar/fotografar ou enviou o material mesmo sabendo do risco de vazar.
 - b) A vítima não tem culpa, mas não deveria ter se deixado gravar/fotografar ou enviado o material, pois não devemos confiar em ninguém.
 - c) A vítima não tem culpa. Se foi um acordo do casal trocar esse material, é um direito que a pessoa tem de exercer sua sexualidade e a culpa é unicamente de quem vazou o conteúdo.
- 15- Violência obstétrica é o nome que se dá aos abusos sofridos antes, durante e/ou após o parto. Quais dessas práticas, na sua opinião, configuram violência obstétrica?
 - a) Não permitir que o acompanhante escolhido pela gestante acompanhe o parto.
 - b) Separar o bebê da mãe por horas após o parto.
 - c) Não atender ao pedido da mãe de fazer parto natural (mesmo quando não há riscos)
 - d) Responder as reclamações de dor da mãe com frases como “na hora de fazer não doeu, né?”
 - e) Nenhuma das alternativas
- 16- Para você, o que é a “legalização do aborto”?
 - a) Um atentado à vida.

- b) É uma forma de fazer apologia para que as mulheres abortem.
- c) É uma medida para dar segurança às mulheres que desejam abortar, fazendo um procedimento seguro e com a assistência necessária.
- d) Não tenho opinião formada.

17- Você é a favor da legalização do aborto para todos os casos?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não tenho opinião formada

18- Sabendo que, mesmo sendo ilegal, ocorrem cerca de 1 milhão de abortos clandestinos por ano no Brasil (que oferecem sérios riscos à saúde e vida da gestante) e que em torno de 200 mil mulheres morrem em decorrência de abortos clandestinos, qual você acha que seria a medida ideal para diminuir esses números?

- a) Que quem pratica o aborto seja presa, pois é crime constitucional, e assim também serviria de exemplo para outras que querem fazê-lo.
- b) Que haja melhor fiscalização em clínicas clandestinas e quem praticar aborto deverá pagar uma multa.
- c) Que o aborto seja legalizado, realizado de maneira segura e com acompanhamento psicológico a gestante.

19- Quais das seguintes situações, na sua opinião, são consideradas estupro?

- a) Duas pessoas estão ficando, mas a mulher está muito embriagada e acaba adormecendo. O homem continua o ato sexual mesmo assim.
- b) O ônibus está lotado e o homem se aproveita da situação para encostar seus genitais em uma mulher.
- c) Uma mulher é abordada na rua e, sob ameaça de arma, é obrigada a praticar sexo com um desconhecido.

- d) A esposa não está disposta e quer descansar, mas o marido quer fazer sexo mesmo assim e eles acabam transando.
 - e) Assediar uma criança através de toques.
 - f) Assediar uma criança efetivamente.
- 20- Em uma situação hipotética, uma garota de 16 anos foi estuprada quando andava à noite de minissaia e blusinha decotada. Qual das afirmações abaixo mais se aproxima da sua opinião?
- a) Ela tem culpa e a violência poderia ter sido evitada se não andasse sozinha à noite e se vestisse mais adequadamente. Os pais também tem culpa por deixarem a menina sair sozinha e com roupas provocantes e chamativas.
 - b) Ela tem culpa e a violência poderia ter sido evitada se não andasse sozinha à noite e se vestisse mais adequadamente. Os pais não tem culpa, pois não se pode controlar os filhos.
 - c) A culpa é dos pais por não colocarem limites.
 - d) Ela não tem culpa, mas facilitou pela escolha de roupas chamativas e provocantes. Era melhor que se vestisse mais adequadamente.
 - e) A garota é vítima e suas roupas não justificam a agressão. O único a ser culpado é o estuprador.

A seguir, classifique a gravidade de cada um desses problemas para a sociedade:
(considere 1 para menos grave e 6 para mais grave)

Atenção: NÃO é um ranking. Cada tópico deve ser classificado individualmente.

Aborto:

(O problema de saúde pública que faz com que as mulheres morram durante abortos clandestinos)

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Estupro:

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Violência doméstica:

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Pornografia de vingança:

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Violência obstétrica:

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Diferença salarial entre homens e mulheres:

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

APÊNDICE B – Roteiros

Tema: aborto		
Quadro	Imagem	Texto
1	Morgana com a barriga grande (prenha) lambendo a patinha	Adotei Morgana quando ela tinha alguns meses de vida. Antes de poder castrá-la, o gato do vizinho veio dar um “passeio” aqui em casa e a deixou prenha.
2	Morgana alimentando seus filhotes	Morgana teve quatro filhotinhos. Eu não poderia ficar com todos, então começou o sacrifício...
3	Joana com cara triste segurando filhotinhos	Quando eles desmamaram, fui obrigada a encontrar pessoas aptas a adotá-los. Mas não foi tão simples assim, pois fiquei com medo de que desistissem mais tarde e os bebês fossem abandonados, ou negligenciados.
4	Pernas saindo por uma porta, indo embora	E o dono do gato do vizinho, que é pai dos bebês da Morgana, não ajudou com absolutamente nada. Nos deixou sozinhas.

Tema: violência obstétrica		
Quadro	Imagem	Texto
1	Joana sentada no puff com um álbum de fotos na mão. Morgana está	(Balão de fala) Na minha família tenho boas referências de mulheres fortes.

	dormindo em sua casinha.	
2	Joana folheando o álbum e vendo foto de sua mãe com ela bebê no colo.	Mamãe me teve sozinha. Não conheci meu pai. Minha avó nos ajudou muito, mas é bem difícil ser mãe solteira.
3	Uma página do álbum com a escrita “primeiros dias da Joana” com a pulseirinha que os bebês ficam no hospital.	Não bastasse a falta de apoio daquele que deveria ser meu pai, o parto foi bem complicado. Mamãe sofreu violência obstétrica.
4	Foco de novo no quarto, Morgana se esfrega em Joana e ela continua vendo o álbum de fotografias.	(Balão de fala) O médico foi um estúpido e quis impedir que a minha vó acompanhasse o parto, quando é um direito da grávida escolher seu acompanhante.
5	Joana deixa o álbum de lado e pega Morgana no colo.	Ainda bem que as duas sabiam disso e vovó ameaçou chamar a polícia. Mas quantas mães não conhecem seus direitos e sofrem violência sem saber?

Tema: <i>revenge porn</i>		
	Imagem	Texto
1	Joana está sentada no puff utilizando o notebook e com a feição surpresa. Morgana está sentada do outro lado do quarto.	(Balão de fala) Ah, não... O ex-namorado da Ana aqui da rua a traiu, eles terminaram e ele vazou fotos íntimas dela... (Balão de pensamento saindo de Morgana): Mas que grande babaca...

2	Joana continua sentada no puff utilizando o notebook	(Balão de fala) Lembra dela, Morgana? (Balão de pensamento saindo de Morgana): Sim, é aquela menina boazinha que quando vem aqui em casa me traz petiscos
3	Joana sentada faz carinho em Morgana que se aproxima	(Balão de fala) Esse idiota foi o primeiro namorado dela! Lembro da Ana contando que ele fazia pressão pra que ela mandasse essas fotos. E quando ela tinha vergonha, ele chantageava ela falando que se o amasse mesmo não teria medo e confiaria nele.
4	Joana larga o notebook e parece inconformada	(Balão de fala) Como ele pode ser tão idiota a ponto de vaziar fotos de alguém que dizia que amava? A Ana está destruída. (Morgana pensando): E ainda vão colocar a culpa nela.